

## 2 Experiência de vida no Espírito Santo

### 2.1. Introdução

O que podemos classificar como experiência de vida no Espírito Santo?

Responder a essa questão é o que pretendemos neste primeiro momento de nosso trabalho acadêmico, visualizando a experiência humana de fé como manifestação, presença e missão do Espírito Santo.

Nomear e compreender o Espírito Santo é relevante e pertinente nestas considerações iniciais como um pressuposto teológico de toda essa nossa investigação.<sup>3</sup>

O Espírito Santo é Deus, igual e consubstancial<sup>4</sup> ao Pai e ao Filho, cuja doutrina, definida no século IV, permanece inabalável. Nesta definição, a fé confessa o Espírito como “Senhor” e “fonte de vida”.

O Papa João Paulo II, em sua Carta Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo, lembra que a Igreja professa a sua fé no Espírito Santo, como naquele “que é Senhor e dá a vida”. É o que ela proclama no Símbolo da Fé, chamado Niceno-Constantinopolitano em cujos Concílios foi formulado ou promulgado.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Em 1975, o Papa Paulo VI, em sua Exortação Apostólica, declara que *vivemos um momento privilegiado do Espírito. Procura-se por toda parte conhecê-lo melhor, tal como a Escritura o revela. De bom grado fazem-se assembleias em torno d’Ele. Aspira-se, enfim, a deixar-se conduzir por Ele. É um fato que o Espírito de Deus tem um lugar eminente em toda a vida Igreja; mas, é na missão evangelizadora da mesma Igreja que Ele mais age. Não foi por puro acaso que a grande renovada para a evangelização sucedeu na manhã do Pentecostes, sob a inspiração do Espírito.* Cf. PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*, 75, 1975.

<sup>4</sup> Para José Comblin *o Símbolo niceno-constantinopolitano não atribui ao Espírito Santo o nome de “Deus”, nem o nome de “Consubstancial” (homoousios) atribuído ao Filho e mantido depois de inúmeras e trágicas discussões. Sucede que o Novo Testamento nunca diz que o Espírito Santo é “Deus.” Os Padres Conciliares não quiseram ir além da linguagem da Bíblia, para não afastar da Igreja os que resistiam a usar palavras não atribuídas pela Bíblia. Consequentemente não quiseram atribuir explicitamente ao Espírito o qualitativo de “consubstancial.” Mas quanto ao sentido, sem dúvida alguma o Símbolo atribui ao Espírito Santo atributos divinos e afirma a sua igualdade com o Pai e o Filho embora com outras palavras.* Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 205-206. Veja também “Símbolo da fé constantinopolitana”, in: DENZINGER, Hünemann. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas & Loyola, 207, pp. 66-68.

<sup>5</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Dominum et Vivificantem*, 1, 1986.

Assim como o Espírito, que em sua ação e missão manifesta-se na pluralidade e na diversidade, o título que nomeia e abre esse capítulo sugere, de per si, uma vasta pesquisa, na qual muitos caminhos podem ser percorridos.

Optamos pela leitura teológica, de chave libertadora, para falar, entre tantas e possíveis manifestações do *Pneuma Divino*, de Sua manifestação nas Comunidades de Fé Latino-americanas na perspectiva de José Comblin.

Uma breve e resumida biografia se faz necessária deste autor, teólogo belga, radicado na América Latina, que foi escolhido por ser entre os “teólogos da libertação” o que mais abordou o Espírito Santo em seu pensamento teológico, e por ser a teologia de Comblin capaz de iluminar a manifestação do Espírito Santo, enquanto presença, ação e espiritualidade, nas Comunidades de Fé Latino-americanas do século XXI.

Nosso teólogo nasceu em Bruxelas, na Bélgica, no dia 22 de março de 1923. Foi ordenado sacerdote em 9 de fevereiro de 1947. Atendendo à solicitação do bispo de Campinas, São Paulo, foi enviado para o Brasil no ano de 1958.<sup>6</sup> Aí foi professor no seminário diocesano e na Universidade Católica e assistente diocesano da JOC. Em 1959 lecionou no *Studium Theologicum* dos Dominicanos em São Paulo. De 1962 a 1965 foi professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Santiago, no Chile.

A pedido de Dom Helder Câmara estabeleceu-se em Pernambuco. Lecionou no Seminário Regional do Nordeste em Camaragibe e no Instituto de Teologia do Recife (1965-1968). No início dos anos 70 passou a orientar um grupo de seminaristas que buscavam um estudo comprometido com a realidade rural.

---

<sup>6</sup> *Não vim para a América Latina com a pretensão de evangelizar países católicos. Vim para entrar numa Igreja que tinha futuro. Cheguei aqui exatamente na hora histórica da verdadeira fundação da Igreja Latino-americana como Igreja com configuração própria. Em 1958, já o fermento estava agindo, mas não se tinha manifestado claramente que havia um movimento continental que levantava todos os países latino-americanos e que se tratava de um despertar coletivo de um continente inteiro. Estava nascendo a Igreja Latino-americana em torno de um grupo de bispos que foram verdadeiros fundadores. Aconteceu o que tinha acontecido pela primeira vez entre 325 e 340 no Império Romano: uma série de grandes bispos que encarnavam de certo modo na sua pessoa e uniram junto a si mesmos as forças criativas suscitadas pelo Espírito tanto no clero e nos religiosos como nos leigos. Houve Atanásio, Basílio, João Crisóstomo, Gregório Nazianzeno, Ambrósio, Hilário, Agostinho, Cirilo de Alexandria, Cirilo de Jerusalém e outros menores. Houve algo semelhante na América Latina. Foram os bispos que fizeram Medellín. Acontecimento semelhante somente sucede a cada 1500 anos. Foram Manuel Larraín, Helder Câmara, Ramón Bogarín, Sergio Mendes Arceo, Leônidas Proaño, José Dammert, Eduardo Angelelli, Cardeal Silva de Santiago, Cardeal Avelar Brandão de Salvador, Cardeal Landazzuri de Lima, sem esquecer Oscar Romero, ainda que este último não estivesse em Medellín. Cf. COMBLIN, José. Saudades da América Latina, in: *A esperança dos pobres vive-coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 721-723.*

Criou, então, um modo de estudo que ficou conhecido como Teologia da Enxada. A convite do CELAM, de 1968 a 1972 foi professor de teologia no IPLA (Quito, Equador). Assessorava a Diocese de Riobamba – Equador, cujo bispo Dom Leônidas Proaño foi um símbolo do compromisso com os indígenas. Lecionou teologia pastoral na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina (depois, *Lovain-la-Neuve*), cargo que exerceu de 1971 a 1988.

José Comblin estava inserido na Diocese de Dom Helder, assessorando na elaboração de posicionamento, documentos e intervenções que marcavam o cenário nacional. Considerado subversivo e ameaçador ao sistema, Comblin foi expulso do Brasil em 24 de março de 1972. Decidiu, então, retornar ao Chile, onde já havia atuado por quatro anos. Estabeleceu-se em Talca, onde residiu de 1972 a 1980. No entanto, pouco tempo depois, ocorreu o golpe militar no Chile. Deixou então o ensino. Colaborava com o Vicariato da solidariedade de Santiago, única instituição que enfrentou o ditador Pinochet na questão das torturas e dos desaparecimentos durante o regime militar. No Chile, fundou o Seminário Rural: experiência de formação ao sacerdócio de jovens do meio rural respeitando a sua cultura camponesa.

Promoveu o curso de formação para professores de religião: fundamentos bíblicos e teológicos para professores e lideranças populares. Em 1980 ocorreu a sua expulsão do Chile. Retornou ao Brasil com visto de turista, o que o obrigou a sair do país a cada três meses durante seis anos para a renovação do mesmo. Em 1986 foi anistiado e recebeu novamente o visto permanente. Com o grupo da Teologia da Enxada e o apoio de Dom José Maria Pires, de João Pessoa, fundou em 1981, no Avarzeado, Pernambuco, o Seminário Rural. A experiência estabeleceu-se em Serra Redonda, PB.

A partir de então, passou a dedicar-se prioritariamente á formação de lideranças populares. Em 1981 foi professor no Seminário Rural do Avarzeado (Pilões, PB), depois em Serra Redonda, depois no Centro de Formação Missionária. Em 1987 participou da fundação das Missionárias do Meio Popular, com o mesmo objetivo. Em 1989 fundou o Instituto de Formação Pastoral de Juazeiro (PB) com sucursais em Guarabira (hoje Mogeiro) e Miracema de Tocantins. Desde 1995 passou a residir na Casa de Retiros São José, em Bayeux. Continua dando assessoria às diversas entidades de formação de lideranças

populares no Nordeste, além da assessoria teológica para os mais diversos grupos eclesiais ou sociais no Brasil e na América Latina.<sup>7</sup>

No Continente da Esperança, Comblin teve o privilégio de participar do primeiro grupo dos futuros teólogos da TdL ainda em gestação nas reuniões de Cuernavaca, Petrópolis, Montevideu, Santiago, em 1964 e nos anos seguintes. Pôde igualmente participar de todas as grandes reuniões de teólogos latino-americanos, ou seja, em El Escorial (1972, 1992), México (1975), São Paulo (1980). Está no Comitê de redação da coleção Teologia e Libertação, da Editora Vozes, e do Comentário Bíblico publicado conjuntamente pela Editora Vozes e, pela Editora Sinodal.<sup>8</sup>

Nos últimos 30 anos, José Comblin dedicou a maior parte do seu tempo à formação de leigos, produzindo um vasto material contendo temas importantes para a retomada do Espírito Santo na reflexão teológica.

## 2.2. Experiência da força pneumática na vida dos empobrecidos

Diante da afirmação do Pe. José Comblin, nosso autor pesquisado, de que “a presença do Espírito não é uma experiência consciente, que não se sente, mas apenas visível pelas obras que o mesmo Espírito produz,”<sup>9</sup> podemos constatar que esta experiência inconsciente da força do Espírito Santo é vivida pelos empobrecidos através de sua ação pneumática neles, gerando nestes uma ação para transformação.

Precisar o significado dessa ação pneumática dentro do contexto latino-americano de nossas comunidades cristãs é nossa intenção, dissertando, nesta sessão, o que Comblin entende por experiência da ação do Espírito nos pobres.

Por esta razão, faz-se necessário lembrar que na Igreja Latino-americana, do final do século XX, foi evidenciado um novo protagonismo exercido pelos pobres, que vivem uma nova experiência de atuação do Espírito em suas vidas quando, principalmente, encontram na Palavra força para comprometer-se com a própria

<sup>7</sup> Cf. V.V.A.A. *A esperança dos pobres vive. Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. Notas de orelha (capa e contra capa).

<sup>8</sup> Cf. V.V.A.A. *A esperança dos pobres vive*. p. 6.

<sup>9</sup> COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 171.

libertação.<sup>10</sup> Estes pobres vivem em comunidades pequenas, de pessoas simples e são conhecidos como membros integrantes das CEBs.

As CEBs surgem de uma necessidade de transformação na Igreja, iniciada com o Concílio Vaticano II e confirmada por Medellín e respaldada por Puebla. Nelas se vê a necessidade de uma nova maneira de ser Igreja, com uma valorização e participação do leigo na vida da comunidade e o questionamento dos problemas locais, regionais e nacionais, que se fazem presentes na vida e no dia a dia de todos, para o entendimento e a reflexão de um mundo melhor e mais justo, e não apenas para os encontros e reuniões religiosas, bem como as missas e celebrações da Palavra, nas quais muitos leigos e religiosos assumiam na carência de padres na região.

As CEBs acontecem em espaços abertos e de fácil acessibilidade a quem quiser participar. Nas reuniões e encontros, se discute de acordo com as necessidades básicas e essenciais que cada grupo ou localidade vive, de acordo com a realidade concreta em que se encontram seus membros, estando nessa realidade “seu dinamismo e razão de ser”.<sup>11</sup> Segundo frei Betto, as CEBs são: “pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos”.<sup>12</sup>

Nos encontros também se utilizará do método ver, julgar e agir, tendendo a uma “articulação dialética muito frequente nas comunidades, numa intensa relação entre fé em Deus e a luta política, trabalho pastoral e atuação sindical”.<sup>13</sup> Mesmo que em princípio nalguns momentos não se reflita no discurso de seus membros, ela está presente em suas vidas, não se esgotando na prática política e se vinculando esta prática “às lutas e sofrimentos do povo,”<sup>14</sup> não havendo conflitos entre oração e ação, pois “participar da atividade política faz parte essencial da missão evangelizadora da Igreja, que aí exerce a sua forma mais perfeita de caridade.”<sup>15</sup>

Então, a pastoral exerce o trabalho, explicitando através do exercício da

<sup>10</sup> Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia no horizonte teológico latino-americano. Dissertatio ad Doctoratum in Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregorianae*. Roma. Juiz de Fora: Editar, 2004, pp. 85-86.

<sup>11</sup> BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 55.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>14</sup> *Idem*

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 105.

missão evangelizadora, uma inserção na prática política, inserindo seus militantes a adotarem de forma consciente a adoção de medidas sócio-analíticas “ou instrumental científico de análise da realidade.”<sup>16</sup> Assim, seus membros deveriam atuar de acordo com a realidade que os circunda, buscando a transformação que se deve almejar para a conquista de um mundo melhor e mais justo a ser desfrutado agora. Num intenso trabalho de conscientização e atuação, sabendo discernir as intenções dos discursos que tendem à dominação e exploração do ser humano.

Essa força pneumática, que dá aos pobres a consciência de sua dignidade, precisa ser situada dentro da reflexão teológica latino-americana, na perspectiva do empobrecido, para compreender a ação do Espírito.

### 2.2.1. A teologia da Libertação: experiência fundante

*A experiência de vida no Espírito Santo*, percebida por Comblin nas CEBs latino-americanas, suscita um pensar teológico na perspectiva de uma ação pneumática libertadora. Esta sistematização teológica nasce dentro de um contexto desejoso de libertação que ficou conhecido como TdL.

Nesta pesquisa mencionaremos, em forma sintética, aquilo que podemos chamar de TdL, com o único intuito de situar o bojo no qual a pneumatologia latino-americana pode também ser chamada de libertação.

Historicamente, a Igreja presente na América Latina, representada pelo seu episcopado organizado numa Conferência Episcopal Continental, o CELAM, às portas do Concílio Vaticano II, viu-se comprometida a olhar com atenção e profundidade a realidade de todo o Continente para melhor contribuir para o *aggiornamento*<sup>17</sup> proposto pelo Papa João XXIII.

Buscava-se entre os anos 1960 e 1961 uma análise dos problemas pastorais na sociedade latino-americana, e, também, um conhecimento mais científico da

<sup>16</sup> BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*, p. 106.

<sup>17</sup> Expressão cunhada pelo Papa João XXIII, *que significa atualização, renovação, reforma mesmo. Pressupõe primeiramente um descompasso da Igreja com a sociedade envolvente, uma dificuldade, mais experimentada e sentida do que formulada, de proclamar na cultura de então a mensagem evangélica, uma convicção firme sobre o fim de uma organização histórica de catolicismo.* Cf. FRANÇA MIRANDA, Mario de. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 16.

realidade à base de pesquisas confiadas a instituições especializadas. O resultado de tudo isso convergiu para a conscientização de repensar a evangelização na América Latina, não apenas na perspectiva da conservação da fé, mas considerando a necessária implantação de uma pastoral dinâmica, desafio este que em contrapartida trazia outro, a saber, uma renovação da teologia pastoral:

Neste contexto, dois temas se constituíram fundamentais para a reflexão posterior: a pobreza, na qual estava imerso todo o Continente, e o tema do laicato, como superação de uma eclesiologia centrada no universo da administração clerical. Sentia-se a premente necessidade de um amadurecimento da reflexão teológica elaborada no próprio Continente Latino-americano.<sup>18</sup>

O período pós-conciliar marcará o Continente com uma fecunda vitalidade teológica. Conforme afirma Medeiros Silva, a dinâmica decorrente de *Medellín*<sup>19</sup> será como o fermento na massa da realidade latino-americana, pois o olhar sobre a realidade, a reflexão, a busca da vivência da fé às luzes dos ensinamentos conciliares e o compromisso com o serviço vão plasmar uma teologia com novos acentos. Não se tratava de uma nova teologia, mas um modo criativo de buscar a inteligência da fé conjugando os dados da realidade e da Tradição.

Os teólogos, atentos a essa realidade, passam a privilegiar em suas reflexões temas como subdesenvolvimento-desenvolvimento, opressão-libertação, a politização, o catolicismo popular, as CEBs, constituindo uma teologia das realidades terrestres, que se formulou principalmente como TdL.<sup>20</sup>

O teólogo Paulo Fernando Carneiro de Andrade chama a atenção para a data que se convencionou para o nascimento desta teologia latino-americana: o ano de 1971, “quando Gustavo Gutiérrez publicou *Teologia da Libertação. Perspectivas, obra programática*, inaugurando definitivamente a TdL, que sai do seu estado embrionário e oferece um primeiro trabalho de maior peso”<sup>21</sup> às questões atuais.<sup>22</sup>

A experiência fundante que marcou o surgimento da TdL foi,

<sup>18</sup> MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 37.

<sup>19</sup> Cf. CELAM. *Medellín*, II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 1968.

<sup>20</sup> Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 37.

<sup>21</sup> ANDRADE, Paulo Fernando de. *Fé e eficácia – o uso da sociologia na teologia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 57.

<sup>22</sup> *La teología de La liberación nació oficialmente en 1971 cuando Gustavo Gutiérrez publicó su libro con este título. Este autor sistematizo una corriente teológica que recogía la experiencia de muchos cristianos y exolicitaba el contenido teológico liberador de la Conferencia Episcopal de Medellín (1968)*. Cf. TORRES G, Sergio. *La teología de La liberación en Chile*, in: V.V.A.A. *A esperança dos pobres vive*, p. 672.

indubitavelmente, a desumana pobreza situada na América Latina. Neste contexto, na reflexão e na prática da Igreja Latino-americana, o pobre é assumido como perspectiva evangelizadora fundamental. A situação de pobreza e miséria de grande parte dos povos da América Latina é resultante de um modelo econômico-político que subjuga o inteiro Continente à dinâmica do capitalismo mundial. Logo, o paradigma do êxodo emerge na consciência eclesial como horizonte de esperança. O Deus de Jesus Cristo é o Deus libertador dos pobres que clamam por libertação, fazendo justiça aos pequenos e oprimidos, e assim, o pobre assume a condição de lugar teológico para a teologia.<sup>23</sup>

A TdL é, em linhas gerais, uma teologia de caráter encarnacionista, que encontra a fidelidade a Deus no serviço ao próximo, o qual se manifesta especialmente nos pobres e esquecidos da sociedade formal. Por isso, podemos ver na TdL três pressupostos iniciais: 1) Uma interpretação da fé cristã através do sofrimento, da luta e da esperança dos pobres; 2) Uma crítica à sociedade e às ideologias que sustentam estruturas de divisão e afastamento entre os seres humanos; 3) Uma revisão da ação da Igreja e dos cristãos desde o ponto de vista dos pobres. A partir destes pressupostos, faz-se uma reinterpretação do significado da Cristandade com a recuperação de uma tradição profética e denunciadora, presente na Bíblia. Tradição que também está presente na história do cristianismo e da Cristandade, ainda que sofresse silêncios e suspeitas por parte do pensamento cristão dominante e, em certo sentido, contrário. Embora própria da América Latina, a TdL não é exclusiva da América Latina, pois se fez presente em outras partes do mundo, nem mesmo a única teologia libertadora. Existem teologias cristãs européias, asiáticas e africanas muito semelhantes à TdL, além de outras teologias libertadoras como a teologia feminista, a teologia negra, a teologia do diálogo inter-religioso e a teologia inculturada. Assim como os pobres, as “raças” não-brancas e as mulheres estão buscando um novo significado na fé cristã e, ao mesmo tempo, revelam algumas deficiências nas interpretações feitas pelos homens ocidentais brancos.<sup>24</sup>

A TdL desenvolveu uma metodologia reflexiva a partir do empobrecido. Assim, a Escritura é lida e interpretada a partir dos pobres. Nesse mesmo caminho, o mistério de Deus torna-se acessível a partir da revelação de Jesus. O Pai, revelado por Jesus, é o Deus libertador e misericordioso, cuja solidariedade tem sua maior expressão na entrega de seu Filho. Também o Espírito Santo é revelado como força promotora da vida. As Três Pessoas Divinas vivem na plena

<sup>23</sup> É bem verdade que no final ano de 2007, ao publicar na REB de “volta ao fundamento”, Clodovis Boff, negando o pobre como lugar epistemológico da TdL, reacende o debate na Igreja que está na América Latina sobre o fundamento primeiro da TdL. Reagem imediatamente Leonardo Boff, Luiz Carlos Suzin e Érico J. Hammes, para quem Clodovis havia mudado seu pensamento, e o replicando, defendem e reafirmam o pobre como novo lugar teológico. Cf. BOFF, Clodovis. *Volta ao fundamento: réplica*, in: REB 68, fascículo 272, pp. 892-927, 2008.

<sup>24</sup> ALVAREZ GÓMEZ, Salustiano. *A teologia da libertação na América Latina*. In: Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 10, n° 13, 1° semestre de 2008, p. 26.

comunhão de amor e chega-se, pela experiência das CEBs, à formulação de que a “Santíssima Trindade é a melhor Comunidade.”<sup>25</sup>

A compreensão libertadora do mistério de Deus, reelaborada a partir dos pobres, contribuiu para a maturação de uma teologia espiritual libertadora, entendida como experiência do seguimento de Jesus.<sup>26</sup> É desta forma que podemos falar de teologia na perspectiva do empobrecido.

### 2.2.2. A perspectiva do Pobre: nova experiência teológica

Como vimos, a novidade apresentada pela TdL consiste na valorização de um novo lugar teológico: é a fé dos cristãos empobrecidos que se expressa numa caridade prática, para transformar as escandalosas condições de pobreza.<sup>27</sup>

Esta teologia descobre e aprofunda o conhecimento e a experiência de Deus na fé dos pobres, à luz das palavras do evangelho de Mateus: “tive fome e me destes de comer,” onde Jesus aparece identificado com os pobres (Mt 25, 35).<sup>28</sup>

A TdL encontrou condições originais, interagindo produtivamente com os textos produzidos pelo Vaticano II, estimulando sua recepção no Continente Latino-americano através das Conferências Gerais do Episcopado – *Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida*.<sup>29</sup> Essa interação fecunda pôde ser também experimentada nas Conferências Nacionais dos bispos, dos religiosos, das pastorais e eventos consolidados como as CEBs, catequese renovada,

<sup>25</sup> Assim expressa o título da obra de Leonardo Boff, que é uma exposição em linguagem mais simples de “A Trindade e a sociedade”, na qual ele é muito devedor de Moltmann. Cf. BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Vozes, 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 47-49.

<sup>27</sup> Cf. TORRES G, Sergio. *La teología de La liberación en Chile*, p. 673.

<sup>28</sup> Para Sergio Torres “*la experiencia de fe de los cristianos es un nuevo lugar teológico. Los cristianos de sectores populares animados por la fe y la caridad han descubierto que la pobreza no es una fatalidad ni es querida por Dios y se han insertados em los procesos de liberación para cambiar las estructuras de injusticia y marginación. Esta teología no es acción sociológica, ni política, ni ética social. É verdadera teología, pues profundiza la experiencia de Dios de los pobres, por los que Dios ha optado em El Antiguo Testamento y com los cuales Jesucristo se ha identificado em su vida y em su mensaje liberador*”. Cf. TORRES, G. Sergio. *La teología de La liberación en Chile*, p. 673.

<sup>29</sup> Cf. CELAM. *Medellín, II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*, 1868; *Puebla, III Conferência Geral*, 1979; *Santo Domingo, IV Conferência Geral*, 1992; *Aparecida, V Conferência Geral*, 2007.

comunidades religiosas inseridas, pastorais sociais e outras.<sup>30</sup>

A experiência do empobrecido configura a perspectiva particular pela qual se enxerga a positividade da fé, dada a urgência da libertação histórica dos pobres guardando a primazia de valor da libertação soteriológica.<sup>31</sup>

Nesta direção, Jon Sobrino,<sup>32</sup> um dos grandes teólogos da libertação, propõe uma teologia construída a partir dos pobres, tendo como chave a relevância do empobrecido para o profundo conhecimento e experiência de Deus e da salvação integral do ser humano. Ressalta Sobrino, que a teologia, momento segundo da fé, aprofunda-se na experiência que os pobres fazem de Deus como “reserva de utopia”, Deus da vida e da esperança, redescobrimo a presença idolátrica na absolutização da riqueza. Na mesma linha, a soteriologia reencontra a figura do “servo sofredor” e o seu correspondente no papel dos pobres na salvação, pois hoje eles continuam a carregar sobre si o pecado do mundo. Estes pobres, como assinala bem J. Sobrino, sendo um povo crucificado, apontam para uma utopia evangélica, a “civilização da pobreza.”<sup>33</sup>

Pensar a fé a partir da realidade complexa dos empobrecidos do Continente Latino-americano foi, como já o mostramos e cuja repetição se faz necessária, a experiência fundante na gênese da TdL:

A raiz desta reflexão e opção é eminentemente bíblica e se fundamenta na gratuidade do amor de Deus revelado em Jesus Cristo, anunciador do Reino. Não é a indignação ética o fundamento mais original desta opção, mas antes trata-se de uma opção teocêntrica, um itinerário no encontro com Deus e com a gratuidade de seu amor, a revelação do primado do outro. A retomada desta perspectiva milenar torna-se-á a contribuição mais genuína da teologia latina-americana à Igreja Universal.<sup>34</sup>

A opção pelos pobres foi uma atitude da Igreja Latino-americana pós-Concílio Vaticano II, concomitantemente abrindo espaço para a reflexão da presença e ação do Espírito de Deus. Por isso, não é mera coincidência que a

<sup>30</sup> Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, p. 70.

<sup>31</sup> Cf. LOPES GONÇALVES, P.S. *Liberationis Mysterium. O projeto sistemático da teologia da libertação. Um estudo teológico na perspectiva da regula fidei*, (Dissertatio ad Doctoratum PUG) Roma, 1998, pp. 31-99.

<sup>32</sup> Cf. SOBRINO, Jon. *La teología da liberación en América Latina – Relación esencial entre teología y pobres*. Madrid 1998, pp. 37-62.

<sup>33</sup> Trata-se de uma expressão criada por I. Ellacuría. Cf. *Ibidem*, p. 61.

<sup>34</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Situação e tarefas da teologia da libertação*. Apud MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, p. 41.

retomada da teologia do Espírito Santo se dê no tempo em que a Igreja faz sua opção pelos pobres.<sup>35</sup>

O pobre é assumido, tanto no esforço reflexivo quanto na prática da Igreja Latino-americana como perspectiva de evangelização fundamental. Teologia e opção pelos pobres se identificam no pensamento teológico latino-americano, que fundamenta sua origem na indignação ética, nascida no bojo da fé que encontra nos rostos dos pobres, dos que têm fome e sede, dos encarcerados, dos doentes, dos sem casa, dos sem terra.<sup>36</sup>

Neste tipo de sociedade, construída com uma gritante desigualdade social, pobreza e miséria, a missão da teologia é servir como processo de libertação dos pobres, como identificação e prolongamento da missão messiânica (Lc 4, 16-20), pois, enquanto o humano estiver desfigurado em qualquer nível de sua vida, a teologia haverá de se preocupar com sua libertação integral.<sup>37</sup>

Cabe-nos ainda uma questão, como fizera Medeiros Silva, na sua tese doutoral de 2003 sobre a pneumatologia latino-americana: na gênese da TdL e nas sucessivas últimas décadas do século XX, depois na primeira década do século XXI, quem pode ser classificado na categoria de pobre?<sup>38</sup> Onde estão os pobres?

Desde 1960, começamos a viver o esgotamento e a crise do modelo de desenvolvimento vigente na América Latina dos anos 30, baseado na industrialização por substituição de importações orientado para o mercado interno.<sup>39</sup> Na década de 70, o conceito de pobre estava influenciado pela teoria da

<sup>35</sup> Cf. GEBARA, Ivone. *A opção pelo pobre como opção pela mulher pobre*, in: Conc 23 (1987), p. 838.

<sup>36</sup> Cf. BINGEMER, Maria Clara. *Teologia da libertação: uma opção pelos pobres?* In: REB 52 (1992) pp. 917-927.

<sup>37</sup> Cf. Idem.

<sup>38</sup> *O próprio pobre, sem teorizar, no seu duro dia a dia percebe-se como “sujeito”; privado sim de muitos bens, mas acima de tudo “gente”, com seus valores, capacidades, anseios e necessidades. Sabe curtir intensamente prazeres e alegrias a seu alcance. Ele quer é viver – e sabe viver. Não se dobra aos padrões convencionais de “bom comportamento” e “ordem” que a sociedade burguesa, civil e religiosa, quer impingir-lhe. Percebe-se que a “gente-bem” não aceita este seu jeito; até em suas melhores qualidades vê-se negado, discriminado ou, quando muito, alvo de compaixão, assistência, pequenos presentes paliativos. A globalização excludente e o mercado financeiro desenfreado estão provocando novas mudanças, para pior, nesta sua exclusão. Detalhe: o pobre assim destrutado não é só um outro indivíduo, mas coletividade, classe social.* Cf. RICHARD, Pablo. *A Igreja que opta pelos pobres e contra o sistema de globalização neoliberal*, in: *Convergência* XXXVI, 342, pp. 203-214, 2001; GRUEN, Wolfgang. *Catequese com os pobres*, in: *A esperança dos pobres vive*, p. 472.

<sup>39</sup> Cf. RICHARD, Pablo. *A Igreja latino-americana entre o temor e a esperança*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 54.

dependência.<sup>40</sup>

Neste sentido, os pobres são, de certo modo, os membros dos países pobres, mas dentro de cada país podemos, ainda, classificar pobreza no contexto do trabalho, onde o pobre é o trabalhador explorado pelo patrão.<sup>41</sup> Comblin ainda nos informa que a ideia de pobreza prevalecente nos anos 60 e 70 está ligada à exploração: no decorrer do século XX, os pobres do campo, “explorados pelo latifúndio, emigraram para as cidades e se tornaram operários da indústria, saindo da pobreza do campo para caírem na pobreza industrial, continuando a ser explorados.”<sup>42</sup>

Na década de 80 produziu-se uma enorme evolução técnica: “a indústria e, depois, os serviços, exigem cada vez menos trabalhadores, porque as máquinas podem substituir a maior parte do trabalho manual e mesmo intelectual,”<sup>43</sup> gerando desemprego permanente e aumentando a situação de precariedade entre as multidões que migraram do campo para as cidades.

Nos últimos anos os pobres são os “excluídos da sociedade dominante, que constituem um mundo paralelo de sobrevivência. Não participam das atividades e da cultura dominantes, ficando isolados.”<sup>44</sup> Moram em bairros pobres, favelas, cortiços e em comunidades rurais que têm as suas próprias atividades.<sup>45</sup> Esta pobreza é produzida pela nova economia, onde há emprego para poucos com qualificação, excluindo, por outro lado, uma imensa maioria desqualificada, que torna-se desempregada e “inempregável.”<sup>46</sup>

Na ótica do não-pobre, o pobre é um “coitado” carente de tudo: bens essenciais, emprego, condições de vida razoáveis, vez e voz, cultura, estudos, boas maneiras. É visto de cima para baixo, enquanto sujeitados a senhores; encarado e tratado a partir de objetos e como objetos. Inspira medo: de sua “bagunça”, seu não-conformismo, sua indomável liberdade. É esta perspectiva sobranceira que predomina nos meios de comunicação; que orienta a organização da vida social, o “sistema” – inclusive, em geral, o sistema eclesiástico. Nesta ótica, o pobre será alvo de cuidados, mas não chegará a ser visto como interlocutor privilegiado do

---

<sup>40</sup> *A teoria da Dependência baseia-se na divisão do mundo em duas partes: uma rica e outra pobre. O mundo enriquece graças à exploração dos pobres.* Cf. COMBLIN, José. *O caminho*. São Paulo: Paulus, 2005, 2ª ed., p. 150.

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*, p. 150.

<sup>42</sup> *Idem*.

<sup>43</sup> *Idem*.

<sup>44</sup> COMBLIN, José. *O caminho*, p. 150.

<sup>45</sup> Cf. COMBLIN, José. *O caminho*, p. 151.

<sup>46</sup> *Idem*.

Deus que se revela primeiramente aos pobres e sofredores, “medida privilegiada de nosso seguimento de Cristo.”(DP 1, 145).<sup>47</sup>

Comblin lembra, que mesmo com esta situação de exclusão, os pobres mantêm contatos com os representantes da sociedade dominante, tanto na prestação de serviços quanto na formação cultural: “lavam roupas, são guardas-noturnos, cuidam dos carros nos estacionamentos, lavam os vidros dos automóveis, vendem flores, doces, amendoins nas ruas;”<sup>48</sup> e, ao mesmo tempo, os pobres bebem da cultura elitista dominante através dos meios de comunicação social, sobretudo, do meio mais popular que é a televisão. “Neste aspecto cultural, os pobres, excluídos, são seduzidos ao mundo imaginário, fomentando o esquecimento dos problemas e desafios do seu próprio mundo miserável.”<sup>49</sup>

Os anos 80 só fizeram aumentar a distância entre incluídos e excluídos, cuja desigualdade econômica acompanhou a diversidade cultural, configurando uma nova pobreza.<sup>50</sup>

No alvorecer do novo milênio, a pobreza agravada corresponde a uma ampliação do conceito de pobre para excluído, como já mencionamos, equivalente a uma enorme gama de homens e mulheres afetados pelas perversas formas de exclusão social matizadas na sociedade contemporânea.<sup>51</sup>

Neste sentido, o CELAM, reunido em Puebla, definiu com muita propriedade o conceito de “pobre” e “pobreza”:

no sentido bíblico de *anawin*: o curvado, o oprimido, que tem na Bíblia uma conotação político-social, designando o escravo, o estrangeiro, o perseguido, o cativo. Não se trata, pois, do simples necessitado, mas do oprimido, do explorado. Não designa apenas o indivíduo, mas a classe social explorada, a raça marginalizada, o grupo oprimido. Na América Latina são os indígenas e afro-americanos, camponeses sem terra, operários, desempregados e subempregados, marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher, migrantes e prostitutas. Estes vivem uma pobreza antievangélica, que é sinônimo de exploração, de opressão, de situação desumana. Uma pobreza de dimensão sócio-política, generalizada e estrutural.<sup>52</sup>

<sup>47</sup> GRUEN, Wolfgang. *Catequese com os pobres*, p. 473.

<sup>48</sup> COMBLIN, José. Op. cit., p. 151.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Cf. Ibidem, p. 152.

<sup>51</sup> Cf. MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, p. 46.

<sup>52</sup> Puebla, São Paulo: Paulinas, 2004, 13ª ed., p. 59.

Assim, na perspectiva da TdL, o pobre não é só o lugar privilegiado de um novo modo de fazer teologia, mas é o lugar que a teologia descobriu como opção de presença, manifestação do Espírito de Deus.

### 2.2.3 A ação do *Pneuma Divino* nos pobres

A força pneumática manifesta-se na vida concreta das comunidades cristãs dos empobrecidos como ação que irrompe no seio das mesmas, um agir que movimenta, liberta e renova cada um de seus membros.

Assim como o Espírito cuja missão é a renovação da face da Terra, e como suscita a vida onde esta está ameaçada, o lugar privilegiado de sua ação é mesmo o dos pobres, antecipando a realização do Reino de Deus e suscitando sinais que são frutos de sua obra na história e no mundo. Essa é a reflexão abordada pelo nosso autor em “O Espírito Santo e sua missão,” onde salienta que por muito tempo são os pobres que movem o mundo e mudam as sociedades. Para ele, o Espírito, porém, não está nos grandes espetáculos, nem nos grandes eventos narrados pela história, mas antes, age no segredo dos pobres, no íntimo dos que não têm poderes terrenos. Age por meio da palavra, do testemunho, da comunhão, da dedicação, da fraternidade, da esperança e da constância dos mesmos. Esta luta, segundo Comblin, é perseverante e é próprio do Reino de Deus agindo na sociedade humana e no mundo.<sup>53</sup> Esta é ação pneumática presente nos pobres, que a partir de Comblin pretendemos demonstrar, sempre em sintonia com sua obra “O Espírito Santo e a libertação.”

Nesta obra, a ação se experimenta em sinais ou frutos do Espírito agindo nos pobres e a partir deles. Comblin chama essa realidade de “experiência de conversão”, na qual o Espírito suscita o “Homem Novo”, despertando nele a ação, a palavra e a liberdade. Este novo modelo de ser humano, conforme nosso autor, pode ser encontrado na expressão e vivência dos pobres que são reunidos e inspirados como Povo nas Comunidades Cristãs, onde a vida desperta com facilidade rumo à sua plenitude.

---

<sup>53</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão – Breve Curso de teologia*, Tomo II. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 340.

Esta ação pneumática se evidencia nas experiências concretas dos empobrecidos em sua expressão de vida e de fé, somadas, vivenciadas e partilhadas nas comunidades latino-americanas:

Desde sempre, os pobres da América Latina não agem, mas são agidos por outros. Obedecem às ordens de outros, sendo objetos de uma história que se faz sem eles e contra eles; de repente começam a agir, descobrem que eles também são capazes de agir. Não tinham projetos para o futuro, apenas sonhos frustrados (...) Descubrem que são capazes de querer e buscar fins, de realizar objetivos.<sup>54</sup>

Este despertar dos pobres, animados e reunidos pelo Espírito Santo nas CEBs, compreendem as experiências colhidas, pensadas e trabalhadas por Comblin, que se utiliza de um jogo semântico e teológico de palavras que ele denomina de linhas reflexivas, que, conforme seu parecer, configuram uma experiência nova, transformadora. Esse conjunto de palavras, abundantemente utilizado por Comblin, é um esforço para evidenciar a força do *Pneuma Divino*, manifestado preferencialmente nas comunidades pobres.

Nesta experiência de conversão estão presentes termos como: ação, liberdade, palavra, comunidade e vida. Dito de outra maneira, na linha do pensamento de Comblin, o Espírito que age, no mundo e na história, suscita também ação para gerar vida e transformá-la. E a ação do Espírito gera efeitos ou frutos que são a liberdade, a força da palavra e a formação comunitária.

De início, é nessa experiência de ação, primeira linha de reflexão, que nosso autor situa a manifestação do Espírito Santo, cuja força está agindo no ocultamento, ou no inconsciente do pobre, e em grau comunitário, nas CEBs. É uma experiência de nascer de novo, mudando da passividade para a atividade, operada por esta “força estranha” desconhecida, que impulsiona à mudança, conversão e transformação.

É no registro da ação que Comblin elabora sua pneumatologia: a teologia da

---

<sup>54</sup> COMBLIN, José. *O caminho*, p. 340.

ação é uma teologia do Espírito Santo e em si, correlata à teologia da história,<sup>55</sup> ou seja, o agir do Espírito se dá na história concreta dos seres humanos.

Essas ações, que são sinais da manifestação do Espírito, podem ser diversificadas: luta pelos direitos humanos, pela vida, pelo direito à terra, à moradia, à educação, etc.

Para Comblin, não há experiência do Espírito no fato objetivo, mas no concreto, onde o espiritual da experiência fica em primeiro lugar na percepção de uma missão. Os membros da comunidade sentem-se chamados a agir, tornando-se uma vocação, e experimentando uma força inaudita.<sup>56</sup> Trata-se de uma força humana, mas que de repente faz irrupção em pessoas simples, despreparadas. São estes que nas CEBs sentem uma eficiência que desconheciam, e o novo se manifesta no agir: conseguem raciocinar, organizar-se e produzir efeitos. Aqui, para Comblin, está a realidade do extraordinário: ação dos pobres e oprimidos, movidos pela força do Espírito.

A liberdade é parte da natureza e da ação do Espírito Santo. E isto nos faz entender Comblin quando escreve que toda a liberdade procede do Espírito e a ação própria do Espírito é a liberdade.<sup>57</sup>

Como experiência de liberdade, a segunda linha proposta por Comblin, os cristãos sentem-se envolvidos numa manifestação coletiva de libertação. Libertação de uma estrutura injusta e de dominação experimentadas profundamente por mais de cinco séculos pelos povos latino-americanos. Aqui, a experiência de ausência de liberdade é sinalizada pelo teólogo belga em todas as dimensões e relações humanas: relação à natureza, em relação ao outro, a dimensão do trabalho, entre outras.<sup>58</sup>

É desse contexto de dominação e escravidão que aparece a experiência do

---

<sup>55</sup> *A proposta de Comblin é compreender o agir do Espírito Santo na história, não a partir de uma filosofia ou teologia da história, senão a partir dos desafios encontrados pelos cristãos no passado e no presente e aí identificar a ação do Espírito.* Cf. MEDEIROS, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 87. *Comblin entende a história como lugar da ação do Espírito Santo, uma vez que o Espírito Santo está na origem da ação humana e as ações humanas não têm outro lugar senão a história. A história do Espírito revela a concepção cristã da história, que é aceitar a história e transformá-la.* Cf. *Ibidem*, p. 89. *A pneumatologia de Comblin atribui ao Espírito Santo a missão de mover os cristãos à tarefa de aceitar a história e de transformá-la. O seu conceito de ação está radicalmente ligado ao de transformação, e por conseguinte ao de praxis, mesmo que não o prefira.* Cf. MEDEIROS, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 95.

<sup>56</sup> Cf. *Idem*.

<sup>57</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 341.

<sup>58</sup> Cf. *Id.* *O caminho*, pp. 41-42.

Espírito que liberta para a liberdade: a experiência das comunidades é a de uma auto-libertação, primeiro aspecto demonstrado por Comblin como ação libertadora do Espírito. “As próprias comunidades experimentam uma libertação na ação de se libertarem. Esta experiência de liberdade realiza-se na luta de libertação, pois os cristãos sentem-se envolvidos numa vivência coletiva de libertação.”<sup>59</sup>

Todavia, como nos lembra Arnaldo dos Santos em sua Dissertação sobre o nosso tema na perspectiva de Comblin, “para entendermos o conteúdo desta liberdade suscitada pelo Espírito e que se manifesta na dinâmica da libertação da humanidade, devemos, sobretudo, pressupor e entender a situação de pecado que aflige a história até suas raízes.”<sup>60</sup>

A consciência da intensidade de pecado na humanidade possibilita uma elucidação maior do sentido da dinâmica de libertação suscitada pelo Espírito, bem como permite uma elucidação sobre o conteúdo da liberdade manifestada pelo mesmo Espírito.

Nesse sentido, Comblin acentua que o pecado é o contrário do amor ao próximo. Se o mandamento de Deus é este amor, o pecado não pode ser outra coisa a não ser a falta desse amor.<sup>61</sup> Desta forma, continua Comblin, “o pecado é o rompimento da relação de amizade e amor. É a substituição desta relação por uma outra relação de competição e dominação, quer em forma de egoísmo individualista, quer em forma de exploração do próximo.”<sup>62</sup>

Assim, a liberdade fundada pela libertação do mal que, por sua vez, é suscitada pelo Espírito na história, no entender do nosso autor significa “fundar amizade entre homens e suscitar uma nova maneira de expressão das estruturas humanas.”<sup>63</sup>

A manifestação da liberdade do Espírito que gera um processo de libertação não pode ser considerada apenas teoricamente, pois esta manifestação é objeto de percepção dentro de uma percepção total de uma ação concreta.

<sup>59</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 41-42.

<sup>60</sup> SANTOS, José Arnaldo Juliano. *O Espírito Santo: sua ação no mundo e na Igreja na perspectiva de José Comblin*. Dissertação para licença em Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia (PUG) Roma, 1988, p. 50.

<sup>61</sup> Cf. COMBLIN, José. *Conceitos cristãos de liberdade e libertação*, in: REB. Vol. 36, fasc. 173, p. 613.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> COMBLIN, José. *O caminho*, p. 612.

Num outro aspecto, considerando que o martírio é o grande sinal da manifestação da liberdade, pois os mártires são cômicos de que são mais livres do que seus algozes, esta liberdade, fruto do Espírito, é experimentada na prática do martírio na América Latina, quando milhares de pessoas seguiram e continuam seguindo tranquilamente ao encontro da morte, “pois assumiram responsabilidades que eram a cada momento um perigo de vida, e o fizeram com dignidade, calma e humildade, superando o medo da morte.”<sup>64</sup>

Um terceiro aspecto é a experiência de liberdade dos oprimidos nas vitórias contra a lei e contra a carne, quando, conhecendo melhor as leis dos poderosos, são mais prontos em reivindicar seu cumprimento em favor da massa oprimida.

Para Comblin, um quarto aspecto da experiência de liberdade é a formação das comunidades e a consciência despertada de sentido de pertença de um Povo: “a formação da comunidade é o resultado próprio do agir do Espírito, o efeito da liberdade, o efeito da palavra libertadora.”<sup>65</sup> Sobre o tema “comunidade”, insistiremos mais adiante, primeiro porque nossa pesquisa versa sobre a experiência do Espírito no contexto comunitário, e depois, porque nosso autor, intermitentemente relaciona “comunidade” à “vida” e à obra do Espírito.

A palavra aparece como outro aspecto da experiência de liberdade suscitada pelo Espírito. Por isso, considerando que a palavra é uma força nova e diferente, inventada pelo Espírito para agir na humanidade, Comblin salienta que esta força do Espírito motiva e impulsiona os pobres na tomada de posse da palavra, desenvolvendo sua terceira linha reflexiva, ao que ele chama de experiência da palavra:

Antes eram tratados como ignorantes e eles se julgavam desta forma também. Tanto na Igreja quanto na sociedade todos comentavam a ignorância do povo. Esse milagre, de começarem a falar diante das atrocidades do mundo, começa na comunidade. Aí todos falam. A palavra de todos vale. Um sinal: todos têm acesso à Bíblia, significando que todos podem conhecer as fontes do conhecimento. Não dependem de outros, mas podem saber por si mesmos.<sup>66</sup>

Este mesmo milagre, continua Comblin, estende-se para fora da comunidade, começando a enfrentar as autoridades. Pedem seus direitos, a

---

<sup>64</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 36.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>66</sup> *Idem*.

prestação de contas do dinheiro público, formam associações, sindicatos para levantar a voz e defender publicamente a causa dos oprimidos.

Esta experiência de tomar a palavra publicamente é uma das coisas mais marcantes.

Se estas palavras fossem pronunciadas por pessoas formadas não haveria nada de espiritual. Tudo seria explicado pela formação intelectual e pela facilidade da palavra. O espiritual está na conversão radical: os mudos falam. A experiência do Espírito está na tomada da palavra. Esta é vivida como uma verdadeira tomada, uma conquista. A palavra surge das energias que estavam escondidas no fundo secreto da pessoa. Está sendo ressuscitada.<sup>67</sup>

Comblin conclui, sobre a tomada da palavra pelos pobres como ação do Espírito, apontando a missão como efeito: quem descobriu a palavra sente-se empurrado a publicá-la. Vocações missionárias surgem nas comunidades. Esta experiência no Espírito é completa no testemunho público. Quem esteve sempre calado e depois de poucas semanas proclama abertamente o Evangelho em outros lugares, fundando outras comunidades, não tem dúvida: o Espírito Santo está aí.<sup>68</sup>

Considerando não ser natural que as comunidades possam nascer do meio de uma população tão alheia pela história e geografia a todo tipo de associação, Comblin considera esta ação como fenômeno de uma experiência de comunidade vivida pelas pessoas que se associam, movidas pelo Espírito Santo.<sup>69</sup> Aqui transparece a quarta linha reflexiva de Comblin.

O sinal da manifestação do Espírito nas CEBs é o conjunto de relações que revelam a fraternidade, acentuada na diversidade. Mas a força do Espírito manifesta-se poderosa quando a comunidade eclesial procura os mais afastados, os mais rejeitados. Para Comblin, é aí que as CEBs seguem os caminhos do Espírito, pois os pobres não começam a reviver sozinhos e sim dentro de uma comunidade. É na comunidade que eles aprendem a desempenhar um papel ativo, aprendem a agir e ser capazes de servir. Aqui se vê a operação do Espírito.<sup>70</sup>

Esta experiência de libertação está ligada à consciência religiosa, pois a libertação não é em primeiro lugar um fato político ou econômico, mas o

---

<sup>67</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 97.

<sup>68</sup> Cf. Idem.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>70</sup> Idem.

nascimento de uma personalidade nova. Antes a pessoa não se sentia responsável, capaz de existir por si mesma e para si mesma. Agora nasceu uma pessoa capaz de agir a partir de si própria e não como reflexo do mundo exterior. Esta passagem de um estado ao outro é a experiência da força do Espírito.<sup>71</sup>

Segundo nosso autor toda ação ou manifestação do Espírito nas CEBs, com seus frutos ou experiências convergem para uma mesma finalidade, a vida. Cada vez mais. Neste sentido, a liberdade suscitada pelo Espírito produz vida, a palavra motivada pelo Espírito produz vida, o agir do e no Espírito produz vida, e a comunidade formada pelo Espírito, produz vida. Tudo isto significa mais vida e constitui o conteúdo concreto da vida.<sup>72</sup>

Comblin ressalta, em sua pneumatologia, que o Espírito é poder de fazer vida, de aumentar vida, e admite com toda certeza, que esta é vida eterna que será manifestada após a ressurreição, mas que já está presente e se manifesta por uma abundância de vida.<sup>73</sup>

Aqui está a última linha reflexiva de Comblin, também fruto do Espírito, ou experiência de vida.

Na concepção de Comblin, “nos cristãos há uma orientação de que a vida de Jesus, como foi vivida e testemunhada,”<sup>74</sup> é o modelo humano e humanizante para a concepção de vida cristã.

O Espírito leva Jesus aos publicanos, prostitutas, aos cegos, aos pecadores e aos coxos, abrindo o banquete de Deus a todos os vagabundos. Exatamente aí o Espírito vai ao encontro da mecha de vida que ainda não morreu. Depois o mesmo Espírito leva os apóstolos a todas as nações, a todos os povos, a todas as pessoas de todas as categorias, pois o Espírito é abertura a todo ser vivente para salvar toda vida, envolvendo a totalidade, tudo o que estava perdido num movimento de renovação de vida.<sup>75</sup>

A experiência do Espírito, vivida na comunidade, gera comunidade, e esta torna-se o centro da vida, pois a comunidade consiste em compartilhar, multiplicando os bens e o agir.

---

<sup>71</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 42.

<sup>72</sup> Cf. *Ibidem*, p. 99.

<sup>73</sup> Cf. Id. *O Espírito de vida*, in: Grande Sinal, ano 40, nº 6, 1986, p. 424.

<sup>74</sup> Id. *A vida em busca de liberdade*, p. 114.

<sup>75</sup> Id. *O Espírito de vida*, p. 423.

No contexto da existência humana, Comblin procura ressaltar que a vida comunitária é tão importante quanto a liberdade individual, pois ela é um outro aspecto da liberdade humana: ser livre é ser comunidade.<sup>76</sup>

Ao abordar o tema da vida como fruto ou experiência da ação do Espírito, o termo *comunidade* volta à tona na reflexão de Comblin, tornando-se recorrente, pois para ele essas duas realidades estão interligadas na experiência de vida no Espírito pelas CEBs. Assim, em comunidade, movidos pelo Espírito, os pobres experimentam profundamente este tipo de vida. Esta forte experiência de vida surge, no Continente Latino-americano, da experiência marcante da morte. As comunidades são vida. Da comunidade nasce a vida. Dos indivíduos isolados vem a morte, pois a experiência de vida é de dedicação ao bem comum, de serviço. Descobre-se que a pessoa vive exatamente na medida em que se deixa envolver pela comunidade e pela missão da comunidade.<sup>77</sup>

Observando a vida dos pobres, onde brilha a vida do Espírito, Comblin tem convicção de que este Espírito de vida age na história pela mediação dos pobres, despertando vida libertada, onde, na relação dos empobrecidos, agir pelo bem de todos, em função da promoção de todos, esta é a vida.<sup>78</sup> Essa força pneumática vai mais além, pois o Espírito não apenas reúne os que se congregam nas comunidades de base, pois os mais pobres não frequentam essas comunidades, ficando marginalizados: vagabundos itinerantes, mendigos, ladrões, prostitutas, pecadores, maioria dos desempregados, dos favelados, os que passam fome, sede e sofrem frio. Neles ressoa o clamor dos pobres, o grito dos oprimidos. Ora, o Espírito está na origem do clamor dos pobres. A Igreja é a imensa caravana dos rejeitados do mundo que clamam, pedem justiça, invocam um libertador cujo nome lhes permanece muitas vezes desconhecido.<sup>79</sup>

Para José Comblin, estas experiências são apenas tentativas, princípios: não experiência completa do Espírito, não há uma experiência que seria capaz de saciar. Tudo existe em forma inacabada, sempre ameaçada, sempre em perigo. Contudo, o que existe basta para que se fale numa verdadeira experiência.

---

<sup>76</sup> Cf. COMBLIN, José. *Antropologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 265.

<sup>77</sup> Cf. *Id A vida em busca de liberdade*, p. 46.

<sup>78</sup> Cf. *Ibidem*, p. 48.

<sup>79</sup> Cf. *Ibidem*, p.125.

Também as comunidades cristãs do primeiro século foram imperfeitas e inacabadas. Assim mesmo trouxeram o testemunho do Espírito.<sup>80</sup>

Concretamente, para Comblin,

é na comunidade que as famílias são mais unidas, os filhos educados com mais atenção. As pessoas vestem roupas mais limpas. Não gastam o dinheiro nos vícios e a aparência é mais saudável e melhor. Tudo sucede como se as pessoas tivessem descoberto a aspiração para uma vida melhor. A comunidade não cultiva o ter mais, e sim o ser mais. As lutas de libertação procuram antes melhorar as relações humanas do que o nível material.<sup>81</sup>

Concluimos, de forma sintética, a demonstração dos sinais de “conversão” e transformação operados pelo agir do Espírito na vida dos empobrecidos inseridos em comunidades cristãs, que nestas cinco linhas desenvolvidas por José Comblin configuram uma experiência global de vida, e vida nova.

Visto que a ação do *Pneuma Divino* pode ser experimentada em seus efeitos transformadores para uma libertação integral e profunda do ser humano, mesmo no desconhecimento daqueles que são envolvidos pelo mesmo Espírito de amor e de mudança, podemos agora falar de uma espiritualidade libertadora.

### 2.3. Espiritualidade da libertação

O ser humano é um ser fundamentalmente espiritual, entendendo o termo como a capacidade que tem o ser humano de pensar de si mesmo, de estabelecer relações, de construir um universo simbólico (linguagem, mito, arte, religião), e de viver no meio de emoções, esperanças, temores, fantasias, sonhos e projetos.<sup>82</sup>

Do termo “espiritual” deriva-se o termo “espiritualidade”. E pode-se falar que a espiritualidade é uma aderência pessoal a um projeto de vida a ser vivido

<sup>80</sup> Cf. COMBLIN, José *A vida em busca de liberdade*, p. 125

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> Cf. CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1974, pp. 47-49.

em comum por um grupo, ou o jeito que vivemos, ou também o conjunto de valores que sustentam e animam nosso atuar e caminhar.<sup>83</sup>

O termo “espiritualidade” é um termo estranho ao mundo bíblico. No AT, “espírito/vento/hálito” (*ruah*), significa a força e a energia criadora e vivificante de Deus. Em Gênesis 1, 2, se diz que “o Espírito de Deus pairava como uma pomba sobre as águas” (Gn 1, 2). Também é o vento forte que irrompe com força e com estrondo. Em 1 Rs 17,11, texto que narra o chamamento de Elias, se diz “eis que passava *Yahweh*, como também um grande e forte vento, que fendia os montes e quebrava as penhas.” Então, diz Leonardo Boff que o espírito produz e gera vida, está presente em tudo, se movimenta em todas as coisas, penetra em tudo, recria a terra, é força e poder. E, portanto, partindo desses fatos, afirma que espiritualidade é captar esse movimento do mundo, seu dinamismo, a presença do Espírito em todas as coisas, e também, que Espírito, biblicamente falando, não é tranquilidade, mas, “é o vendaval, o vento forte, aquilo que cria, que desestrutura a ordem estabelecida e inventa o novo.”<sup>84</sup>

No NT também não encontramos o termo “espiritualidade”. Porém, em Rm 8, que constitui um verdadeiro tratado de espiritualidade, Paulo, refletindo sobre o que significa vida segundo o Espírito, oferece sua definição sobre a vida cristã.

O conceito paulino de espiritualidade não é a vida do espírito liberado do corpo, mas a vida do ser humano liberado da morte: “já não atuamos dirigidos pela carne, mas pelo Espírito... a carne leva à morte; o espírito, entretanto, à vida e à paz” (Rm 8, 4-6). De maneira que a espiritualidade, como um derivado de espírito, é a vida segundo o Espírito, ou seja, orientada totalmente para a vida.

Aprofundando-nos no texto bíblico sobre as raízes e as consequências teológicas da espiritualidade, vemos que espiritualidade, ou a vida segundo o Espírito, é obra de Deus através de Cristo: “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8, 9). Portanto, o ser humano liberado da morte é o ser humano espiritual. E o ser humano espiritual é quem tem o Espírito de

<sup>83</sup> Cf. CASALDÁLIGA, Pedro & VIGIL, José Maria. *A Libertação na história*. Tradução de Jaime A. Clasen, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 21. Aqui Casaldáliga aponta a dificuldade inerente da terminologia no seu sentido mais comum: *na mentalidade mais comum, espírito de opõe à matéria. Os ‘espíritos’ são seres imateriais, sem corpo, muito diferentes de nós. Nesse sentido será sempre espiritual o que não é material, o que não tem corpo. E se dirá que uma pessoa é ‘espiritual’ ou ‘muito espiritual’ se se vive sem preocupar com o material, nem sequer com o seu próprio corpo, procurando viver unicamente de realidades espirituais.*

<sup>84</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Espírito e corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 47.

Cristo. Ora, qual é o Espírito de Cristo? “Anunciar a boa notícia aos pobres, proclamar liberdade aos cativos, vista aos cegos, liberdade aos oprimidos,” como proclamou Jesus no seu discurso programático na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 16-21). E também quando disse aos seus discípulos: “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20, 28). Portanto, ter o Espírito de Cristo é ter consciência da ação transformadora de Deus em nosso mundo, e, sobretudo, ter consciência de nossa responsabilidade de ser também fermento de transformação.

*Experiência de vida no Espírito* pode ser chamada de espiritualidade libertadora, “pois a vida verdadeira é viver pelo Espírito (Gl 5,25), produzindo no sujeito espiritual e nas comunidades espirituais os seus frutos com alegria e amor.”<sup>85</sup> Normalmente, a teologia espiritual denomina e vincula o termo espiritualidade, derivado de *spiritus* – espírito, à práticas místicas que envolvem oração, meditação, contemplação, retiros, ascese e expressões devocionais de fé.

Aqui, queremos focalizar o termo como experiência no e do Espírito, supondo já a superação da dicotomia antropológica entre espírito e matéria, alma e corpo, tão presente na história cristã da espiritualidade.<sup>86</sup> Damos também por esclarecido que espiritualidade, dentro de todo o nosso contexto, não privilegia apenas exercícios espirituais monásticos e conventuais, explorados em demasia nos manuais tradicionais de espiritualidade cristã, mas se caracteriza, antes de tudo, como espiritualidade latino-americana, cuja referência fundamental parte sempre da realidade<sup>87</sup> vivida a partir da ação.

Uma espiritualidade a partir da ação é a grande abertura ou novidade trazidas pelo Concílio Vaticano II, conforme ilustra muito bem G. Rodríguez Melgarejo:

podemos dizer que o Concílio Vaticano II deu à Igreja uma nova consciência de si mesma, e que essa nova compreensão de uma Igreja, que existe para evangelizar o mundo, é um convite do Espírito para a reformulação de todas as espiritualidades, de modo que redescubram o que lhe é próprio e específico à luz de uma mística de evangelização comum a todo Povo de Deus.<sup>88</sup>

<sup>85</sup> COMBLIN, José. *A vida em busca de liberdade*, p. 170.

<sup>86</sup> Cf. FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. *Teología espiritual encarnada – profundidade espiritual em ação*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 18s.

<sup>87</sup> Cf. CASALDÁLIGA, Pedro & VIGIL, José Maria. *A Libertação na história*, p. 43.

<sup>88</sup> MELGAREJO, G. Rodríguez. *¿Una mística de la evangelización?* In: *Teología*, 49, 1987, p. 93.

Na direção de novas perspectivas, Comblin afirma, no conjunto de sua pneumatologia, que o Espírito aparece sempre como aquele que suscita a liberdade, e liberta esta liberdade, despertando o ser humano para sua libertação integral do pecado, da morte, da lei e da desumanização. Ora, esse agir do Espírito que liberta se manifesta na comunidade como prática de uma postura nova, projetada progressivamente para gerar vida, amor e comunhão; é na verdade aquilo que nosso autor chama de uma nova espiritualidade, ou seja, da libertação.

Tomando emprestadas as palavras de Tullo Goff, dizemos que a “espiritualidade”, decorrente do impulso de amor que o Espírito infunde, não deve ser entendida como algo puramente subjetivo da vida cristã, como um conjunto de exercícios privados ou como um encontro meramente íntimo com Deus.<sup>89</sup>

Entendendo a espiritualidade como dinamismo do amor que o Espírito infunde em nós, tudo muda, pois o espiritual não é simplesmente interiorização, mas também um caminho de verdadeira liberdade, que passa pelo coração do homem e se dirige para a realidade integral dele e de sua história pessoal e comunitária.<sup>90</sup>

Experimentar o Espírito de vida ou cultivar uma espiritualidade autêntica, encarnada de modos diferentes como o Espírito, que é vida, amor, dinamismo, se converte em ‘espírito’ que mobiliza de dentro uma atividade. “O Espírito impele o cristão a penetrar no tempo e no espaço em que vive e, ao mesmo tempo, introduz a vida do mundo no seio de suas experiências espirituais mais íntimas.”<sup>91</sup>

Conforme Victor Fernández, em sua obra “Teologia espiritual encarnada”, esse dinamismo pode ser vivido, experimentado nos momentos de recolhimento e de oração particular, mas também na atividade externa,<sup>92</sup> como uma ação que é boa em si e constrói em seus sinais o Reino de Deus, pois se o dinamismo do amor está presente na ação, existe uma espiritualidade da própria ação.<sup>93</sup> Essa

<sup>89</sup> Cf. GOFF, Tullo. *Hombre espiritual*, in: S. De fiores – A. Guerra, *Nuevo Diccionario de espiritualidad*, Madrid, 1991, pp. 877-893.

<sup>90</sup> Cf. ESQUERDA BIFET, Juan. *Teología de la evangelización*. Madrid, 1995, p. 368.

<sup>91</sup> FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. *Teologia espiritual encarnada*, p.6.

<sup>92</sup> Cf. *Ibidem*, p. 18.

<sup>93</sup> Cf. *Ibidem*, p. 19.

“encarnação” da espiritualidade na ação se realiza quando os atos externos são verdadeiramente atos de amor.<sup>94</sup>

Para Fernández, “a caridade, o impulso do amor a Deus e ao próximo, que pode ser vivido tanto na privacidade como na atividade e no contato com o mundo, tem o poder de unificar toda a vida, dando-lhe qualidade sobrenatural.”<sup>95</sup>

Desta forma, toda atividade externa, quando é expressão do amor sincero, é parte integrante essencial da espiritualidade. Ou seja, quando alguém é chamado para uma missão no mundo, sua entrega a Deus e aos outros na ação evangelizadora é a melhor realização de sua espiritualidade,<sup>96</sup> e podemos afirmar que espiritualidade é o dinamismo do amor que o Espírito infunde na totalidade de nossa existência humana.<sup>97</sup>

A vida segundo o Espírito se realiza na prática do amor, do serviço, da solidariedade, e do compromisso evangélico com o fazer justiça. Realiza-se sendo, também, fermento de unidade e de esperança.

De maneira que a espiritualidade, que na visão paulina significa ter o Espírito de Cristo, é um estilo ou forma de viver a vida cristã e um dinamismo que nos deve projetar a ações concretas em compromisso com o projeto de Jesus para com os empobrecidos, os fracos, os oprimidos, os excluídos, os discriminados, os marginalizados. Por isso, espiritualidade não pode considerar-se como algo oposto à realidade, mas necessita encarnar-se na realidade e passar de maneira prática e particular através das relações de serviço para com o próximo e a comunidade, porque em caso contrário não teremos o Espírito de Cristo, e se não temos o seu Espírito não poderemos chamar-nos verdadeiramente cristãos. Assim, baseados nos conceitos bíblicos e na experiência de vida dos empobrecidos, é que podemos falar de uma espiritualidade da libertação.

As CEBs desenvolveram esta “espiritualidade da libertação”, na qual a experiência de Deus foi compreendida em grande parte a partir de eixos semânticos de origem bíblica: escravidão-libertação do Egito, o profetismo e a

<sup>94</sup> Cf. GUERRA, A. *Espiritualidad*, in: FLORISTAN, Cassiano & TAMAYO-ACOSTA, Juan Jose. *Diccionario abreviado de Pastoral*. Estella, 1992, pp. 180-181.

<sup>95</sup> FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. Op. cit., p. 19.

<sup>96</sup> Cf. FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. *Teología espiritual encarnada*, p. 20.

<sup>97</sup> Cf. CELAM. SANTO DOMINGO - CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINO-AMERICANO IV, *Nueva evangelización. Promoción humana. Cultura Cristiana* [SD], 1992, 30.

luta pela justiça, o Reino de Deus como realidade que se mediatiza nas conquistas históricas.<sup>98</sup>

A espiritualidade libertadora, no pensar de Comblin, é uma nova proposta de construção para se dizer experiência no Espírito, e também compreendida na reflexão da teologia latino-americana.

### 2.3.1. Na teologia da libertação: experiência de uma nova Espiritualidade

Diante do que afirmamos, pode-se mesmo falar em uma espiritualidade no registro da libertação? A TdL quando aponta para a novidade das CEBs como prática libertadora, o faz também na direção de uma nova espiritualidade, a libertadora.

E a TdL compreende esta espiritualidade, partindo do pressuposto que toda vida espiritual procede da ação do Espírito Santo e de que toda *praxis* libertadora nasce de uma experiência espiritual de encontro com Jesus nos pobres.<sup>99</sup>

Esta espiritualidade libertadora representa a nova compreensão da espiritualidade latino-americana,<sup>100</sup> compreendendo os termos de prática da vida cristã na América Latina e é esta vivência que muitas vezes influencia reflexões teológicas acerca da libertação e da espiritualidade da libertação<sup>101</sup>.

Gustavo Gutiérrez faz parte deste grupo de teólogos que formulou o conceito desta espiritualidade, fundamentando-a. Para ele, espiritualidade é necessariamente uma vivência integral de fé e chega a afirmar que “espiritualidade, no sentido estreito e profundo do termo, é o domínio do Espírito.”<sup>102</sup> A importância desta afirmação, e outras feitas por ele, reside no fato de ser feita a partir de uma fundamentação teológica e não se limitam às descrições ou apelos emocionais sobre esta espiritualidade.

<sup>98</sup> Cf. MURAD, Afonso & GUIMARÃES, Marcelo Resende. *O amadurecimento litúrgico das ceps e os sinais de uma nova espiritualidade*, in: REB 52, fascículo 208, 1992, p. 826.

<sup>99</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Contemplativus in liberationes, Da espiritualidade da libertação à prática da libertação*, in: REB 39, 1979, p. 571.

<sup>100</sup> Cf. BRANDT, Herman. *Espiritualidade, motivações e critérios*. São Leopoldo: Sinodal, 1978, p. 10

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, p. 20.

<sup>102</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 172.

Esta compreensão de espiritualidade de Gutiérrez se coaduna com o conceito de J. Moltmann,<sup>103</sup> pois para este “quer dizer, literalmente, uma vida no Espírito de Deus, um intenso convívio com o Espírito de Deus.”<sup>104</sup>

Na fé cristã, a paixão pelo pobre nasce da descoberta da sua sacramentalidade crística. Do olhar dos pobres, grita um imperativo divino: liberta-o! A libertação não é apenas um problema histórico. Tem sua raiz numa sede de Deus, de sentido de liberdade que a caracteriza como problema também de alcance pneumático.<sup>105</sup> A fé dos pobres é uma experiência espiritual libertadora enquanto seu objeto é Deus mesmo, o único “libertador confiável”.

Na questão da libertação dá-se o encontro entre as dimensões política e espiritual do ser humano, com suas manifestações históricas e teológicas. Tal encontro revela a natureza da contemplação também em sua significação política, pois a contemplação há de revigorar a fé e a própria vida. Uma verdadeira experiência espiritual é configurada por dois encontros inseparáveis: o encontro com a pessoa de Jesus e o encontro com o irmão, o outro, sobretudo o pobre, o pequeno, presença de Cristo.<sup>106</sup>

Este segundo encontro, com o pobre, prolonga o primeiro, com o Cristo, dando uma dimensão histórica do encontro com Deus e conduzindo ao encontro de uma das principais características da espiritualidade libertadora.

É ainda para José Comblin uma espiritualidade que cultiva a contemplação “como penetração no mistério divino e descoberta da lógica *kenótica* de Deus que escolheu o fraco para confundir os fortes. Só o Espírito pode conceder a sabedoria da loucura da cruz,”<sup>107</sup> também uma espiritualidade ascética, conduzida pelo Espírito, porque comprometida com os pobres: quem com eles se compromete exercita uma paciência e constância comparáveis à dos monges do deserto, como também mortificações corporais dada a insalubridade dos ambientes em que se encontram e exige ainda a perda de privilégios e comodidades oferecidos pela parcela opulenta da sociedade.<sup>108</sup>

<sup>103</sup> Conclusão de José Josias dos Santos em sua Tese sobre Moltmann: cf. p. 89.

<sup>104</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida, uma pneumatologia integral*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 87

<sup>105</sup> Cf. BINGEMER, Maria Clara. *O Espírito Santo na espiritualidade cristã – Fonte de vida e de discernimento*, Convergência 20, 1985, pp. 233-234.

<sup>106</sup> MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e Mariologia*, pp. 122-123.

<sup>107</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 167-169.

<sup>108</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 162-172.

Esta espiritualidade libertadora se caracteriza ainda pela oração, que é assumida “como dimensão fundamental de toda a espiritualidade, onde há experiência de gratuidade com a história sofrida do povo dentro do diálogo com Deus.”<sup>109</sup> Espiritualidade, segundo Comblin, orante como são os pobres que no meio das situações de indigência “suplicam a vinda do Reino, o pão para matar a fome, o perdão dos pecados, não cessando de dar graças a Deus, de quem confiança e esperança não falham.”<sup>110</sup> Espiritualidade configurada na experiência de alteridade, integrando masculino e feminino, onde a alegria brota, mesmo que por meio da dor e do sofrimento, como alegria do Espírito, que faz suportar com suavidade até o martírio.<sup>111</sup>

É ainda uma espiritualidade revestida de discernimento, “no embate das tentações e ilusões humanas, desafiada a encontrar a vontade amorosa de Deus manifestada pelo Espírito que conduz ao seguimento de Jesus,”<sup>112</sup> e integrada à religiosidade popular, “pois que o Espírito perscruta as riquezas das expressões populares da fé, cheios de significação libertadora.”<sup>113</sup>

Uma espiritualidade marcada tanto pela *praxis* dialogal favorecedora, seja para o diálogo ecumênico, seja para o diálogo inter-religioso, capaz de equilibrar a via pneumatológica com a via cristológica ao pensar e falar sobre Deus e sua experiência, quanto pela “abrangência cósmica, porquanto compreende o Espírito como capacidade de *panrelacionalidade* de tudo com tudo.”<sup>114</sup>

É uma espiritualidade desafiada a recuperar e integrar o estético e o lúdico como dimensões da experiência mística, “equilibrando as capacidades de se comprometer com o ético e de deixar atrair e fascinar pela beleza, pois o Espírito Santo é também artífice de toda a beleza que se encontra na criação,”<sup>115</sup> e uma

<sup>109</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Mística e Política na América Latina: a espiritualidade do seguimento*, in: BINGEMER, M.C.L., & BARTHOLO Jr., R. DOS S., ed., *Mística e Política*. São Paulo, 1994, pp. 210-212.

<sup>110</sup> COMBLIN, José. Op. cit., pp. 172-174.

<sup>111</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 174-175.

<sup>112</sup> BINGEMER, Maria Clara. *A identidade crística, Sobre a identidade, a vocação e a missão dos leigos*. São Paulo, 1998, pp. 64-65.

<sup>113</sup> GALILEA, Segundo. *La fede come principio critico di promozione della religiosità popolare*, in: *fede e cambiamento sociale in America Latina*. Assisi, 1975, p. 181.

<sup>114</sup> BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade. A emergência de um novo paradigma*. São Paulo, 1993, p. 199.

<sup>115</sup> GALILEA, Segundo. *Fascinados por su fulgor. Para una espiritualidad de la belleza*. Madrid, 1998.

espiritualidade “protagonista nos movimentos contra a cultura da violência nas suas diversas formas e expressões, alargando e instaurando a cultura da vida.”<sup>116</sup>

Na TdL, não poderia ser, senão, uma espiritualidade focada na experiência de vida no Espírito pelos pobres, oprimidos e esquecidos do povo latino-americano. Portanto, de fato, como foi demonstrado, uma espiritualidade libertadora.

### 2.3.2. Espiritualidade a partir do pobre

A espiritualidade libertadora, que se configura como secular, contemplativa, ascética, oracional, integradora, discernida, popular, lúdica e evangélica demonstra a ação do Espírito que liberta das estruturas desumanas todas as suas vítimas amordaçadas pela injustiça, pela cultura de morte, pela pobreza e indigência, despertando nelas um novo vigor, uma nova esperança e um novo modo de experimentar a força deste mesmo Espírito.

Falar de espiritualidade a partir dos pobres nos abre duas possibilidades de reflexão na linha pneumatológica de Comblin. A primeira, uma espiritualidade encarnada de toda a Igreja, cuja ação e missão devem envolver os empobrecidos, pois esta foi a opção de Jesus e a marca de seu ministério, como o lugar privilegiado da ação do Espírito. Neste sentido, conforme Víctor Fernández, a preocupação com os pobres deve situar-se na perspectiva receptiva, porque implica uma especial capacidade de fazer-se próximo e solidário de quem sofre, para que o gesto de ajuda seja sentido não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna.<sup>117</sup>

A segunda possibilidade, e é a que interessa nesta pesquisa, é a espiritualidade experimentada e assumida na força do Espírito pelos empobrecidos reunidos em pequenas comunidades cristãs.

Nas CEBs, por exemplo, os pobres cultivam uma espiritualidade que liberta, gestada em torno da Palavra que ilumina a vida e da vida que ilumina a Palavra. Trata-se de uma nova hermenêutica feita pelos pobres latino-americanos.

<sup>116</sup> GALILEA, Segundo. *Teología de la liberación y nuevas exigencias cristianas*, Med I, 1975, pp. 42-43.

<sup>117</sup> Cf. FERNÁNDEZ, Víctor Manuel. *Teología espiritual encarnada*, p. 37.

Reúnem-se em comunidade para ler, escutar e interpretar a Palavra de Deus. A palavra ouvida suscita, como já mencionamos, a tomada da palavra calada, sufocada, como manifestação de um agir que denuncia estruturas injustas e opressoras ao mesmo passo que anunciam como novidade uma nova postura de enfrentamento, convivência, partilha e oração.

Os pobres respondem à interpelação da Palavra, resgatando a oração que brota espontânea e dialogal com Deus como numa conversa respeitosa, filial, entre amigos. Esta oração se configura como petição, agradecimento e louvor. Pedem a Deus o que não podem, com sua fraqueza e pobreza, realizar. Agradecem pela bondade e misericórdia, presença de Deus em suas vidas e louvam, conscientes da solidariedade divina, sobretudo no agir do Espírito.

Esta oração, longe de ser devocional, brota livre e espontânea do coração empobrecido, fortalecendo os pobres na sua dignidade de pessoa, resgatando sua identidade de filhos e filhas de Deus num compromisso de amor vivido e comunicado na comunidade. Neste sentido buscam aproximar-se da comunidade apostólica, reinterpretando-a em sua cultura, linguagem e tempo.

Enfim, tudo o que colhemos da reflexão teológica latino-americana sobre a espiritualidade das CEBs é antes de tudo o segundo momento, o da sistematização de uma experiência muito concreta, onde o empobrecido, como lugar epistêmico, experimenta e vive essa ação do Espírito que o liberta. Logo, esta espiritualidade a partir do pobre, nova maneira de expressar a fé, como dissemos, caracteriza-se como um suave e contundente convite do Espírito para o encontro solidário com Cristo pobre.

É uma espiritualidade caracterizada pela mesma dinâmica e pedagogia do Espírito Santo, ou seja, no ocultamento/revelação e na discrição. Por isso é mais fácil valorizar espiritualidades que rotulam, uniformizam e são claramente sensíveis como visibilidade do Espírito numa linha mais espiritualista que encarnada.

Vejamos como essa nova espiritualidade construída na pedagogia do Espírito gera frutos práticos de transformação e libertação.

### 2.3.3. Frutos da ação libertadora do *Pneuma Divino*

A *experiência de vida no Espírito Santo*, impregnada de libertação, vivida pelos empobrecidos dentro das CEBs do Continente Latino-americano, é conforme afirmamos, uma “nova espiritualidade”,<sup>118</sup> onde e quando o Espírito, agindo na pessoa e na comunidade, produz frutos de alegria pascal:<sup>119</sup> leitura comunitária da Palavra de Deus, oração, partilha dos bens e missão.

Tereza Cavalcanti chama a atenção para esse primeiro fruto produzido pelo Espírito:

a leitura bíblica feita nas CEBs é a conexão entre experiência de fé hoje e a experiência de fé do povo bíblico e das primeiras comunidades cristãs, onde as pessoas descobrem a continuidade entre sua própria fé e aquela, por exemplo, do povo do êxodo, dos profetas, dos sábios e dos discípulos e discípulas de Cristo.<sup>120</sup>

Nesta experiência de ler a própria vida através da Palavra nos chamados círculos bíblicos, a leitura é feita a partir de perguntas atuais e da situação dos empobrecidos, excluídos e discriminados.<sup>121</sup>

Um outro fruto da ação do Espírito é a oração e a celebração. Animadas pelo Espírito, as Comunidades celebram a vitória mesmo no meio das aflições e das perseguições. Celebram a vitória da ressurreição no martírio, nas prisões, nas torturas, nas privações. Somente o Espírito fornece energias para viver a ressurreição no meio deste mundo. Comblin reconhece que esta experiência está sendo retomada nas CEBs: esta redescoberta da oração espontânea, por parte das Comunidades, é um dos muitos sinais da ação do Espírito Santo.<sup>122</sup>

As Comunidades estão redescobrando a oração. Restituindo a palavra aos leigos e aos pobres. Não há incompatibilidade entre lutas temporais e a oração. São as mesmas pessoas, nas mesmas necessidades e na mesma esperança que se organizam e oram. A oração brota na situação de fraqueza e de insegurança por um lado e da confiança no Pai por outro. Também não há incompatibilidade entre o pedir e o trabalhar. O homem por si só não realiza o Reino de Deus. Para reinar Deus precisa do trabalho dos homens. Mas, ao mesmo tempo, as Comunidades

<sup>118</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 166.

<sup>119</sup> Cf. Idem.

<sup>120</sup> CAVALCANTI, Tereza. *A identidade das CEBs e o Novo Testamento*. In: artigo publicado no *Jornal Vida Diocesana da Diocese de Valença*, abril-junho, 2010, p. 2.

<sup>121</sup> Cf. Idem.

<sup>122</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 240.

levantam a oração de ação de graças e de louvor, pois os sinais da presença do Pai, do advento do Filho e do Espírito Santo são patentes no mundo dos pobres.<sup>123</sup>

O terceiro fruto da ação do Espírito é a sensibilidade dos pobres com seus semelhantes, levando-os a partilhar seus poucos recursos com os membros da comunidade e com aqueles que, mesmo fora da comunidade, necessitam de auxílio. Esse sentido de partilha está inserido no de comunhão e sentido de pertença à comunidade, que pretendemos detalhar na próxima sessão no contexto da missão.

Por fim, o Espírito produz também o compromisso missionário na construção do Reino de Deus inaugurado por Cristo. Neste sentido, as comunidades, sempre dinâmicas, abrem-se na direção do outro que se situa fora da experiência eclesial, solidarizando-se com desafios e problemas que envolvem muitas pessoas em situação de injustiça e opressão. Sobre a missão das CEBs, falaremos mais adiante nesta pesquisa.

Para Comblin, cada pessoa é chamada, no discernimento orientado pelo *Pneuma Divino*, tanto para uma transformação total no mesmo Espírito (Ef 2, 22), a deixar o “homem velho” para se revestir do “homem novo” que é Cristo, quanto para a construção desta humanidade nova.<sup>124</sup>

Nesta construção e transformação do “homem novo” “consiste a liberdade que é a nova vocação, onde ser livre é ser capaz de produzir algo jamais visto, de projetar assim uma personalidade única, e de formá-la por essa mesma projeção.<sup>125</sup>

O ser novo que se constrói na experiência do Espírito requer uma longa caminhada, de ascese e de contemplação no “Homem Novo que é Cristo para o Pai sob a moção do Espírito.”<sup>126</sup>

O Espírito que produz frutos por meio de sua ação na vida comunitária dos empobrecidos impulsiona também a uma missão, que lhe é própria.

---

<sup>123</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 240.

<sup>124</sup> Cf. *Ibidem*, p. 175.

<sup>125</sup> *Id.* *O Espírito Santo e sua missão*, p. 176.

<sup>126</sup> *Idem*.

## 2.4. Ação missionária do *Pneuma Divino* nas comunidades de fé

Até aqui, muito dissemos sobre a presença, ação e missão do Espírito como manifestação de sua força e de seu operar nas Comunidades dos empobrecidos da América Latina. Já vimos como o Espírito se manifesta e como pode ser reconhecido pelos frutos que brotam de seu agir. Cabe-nos, ainda, dissertar sobre a dimensão propriamente dita da missão do Espírito nessas Comunidades e da missão gestada nelas como operação do mesmo Espírito.

Comblin insiste que o papel do Espírito é percebido quando penetra no coração do ser humano, fazendo brotar dele sua ação. Ação humana e ação do Espírito não se distinguem, pois o que procede do Espírito sempre se visibiliza como ato humano. Nesta mesma direção reflexiva, se a Igreja nasce do Espírito, nasce dos seres humanos e aparentemente tudo acontece como se fosse uma única ação, a dos homens.<sup>127</sup>

Se o Espírito é a origem da novidade, criando coisas novas de antigas, esta novidade nascida do Espírito consiste na vida e na expressão de fé das pequenas comunidades, ou grupos de base. Portanto, a Igreja nasce do Espírito ali, onde pacientemente se reúnem os discípulos para formarem uma comunidade cristã.<sup>128</sup>

Como as CEBs, pequenas comunidades, são Igreja e expressão singular da Igreja na América Latina, demonstraremos como nosso autor relaciona Espírito e Igreja dentro deste contexto no aspecto da missionariedade.

### 2.4.1. *Pneuma Divino* e Igreja: missão na perspectiva da TdL

Se a ação missionária do Espírito é cristificar toda a humanidade, e a Igreja é seu instrumento e canal pelo qual age e trabalha para tal fim, a relação do Espírito, que se manifesta nos pobres, com a Igreja, causa nela uma vocação distintiva e elemento constitutivo de abrir-se em missão, a partir dos empobrecidos para efetuar sua ação.

<sup>127</sup> Cf. SANTOS, José Arnaldo Juliano dos. *O Espírito Santo: sua ação no mundo*, p. 76.

<sup>128</sup> Cf. Idem.

Lendo e interpretando Comblin, José Arnaldo chegou à conclusão de que “o ponto de articulação entre Espírito e Igreja se dá na missão.”<sup>129</sup> Esta articulação é desenvolvida e explicada por Comblin utilizando-se da premissa:

ora, o Espírito está ligado à missão. Os Evangelhos anunciam que o Espírito intervém no momento em que se produz o testemunho ou o enfrentamento entre a Igreja e o mundo (Mt 10, 20; Jo 15, 26; 16, 8). Os Atos dos Apóstolos e as Epístolas mostram a realização concreta: a Igreja descobre a sua verdadeira natureza no momento de passar de um mundo humano a outro, isto é, no ato da missão.<sup>130</sup>

Para José Arnaldo, Comblin entende as etapas de tomada de consciência cristã como etapas missionárias, como por exemplo, a experiência do Apóstolo Paulo, no NT: o Espírito intervém para obrigar a Igreja a sair de suas fronteiras para o mundo exterior. Neste sentido o mesmo Espírito espera da Igreja uma saída de si mesma para revelar-lhe quem é Cristo.<sup>131</sup>

Para Comblin, ainda que a Igreja se conceba, na teoria e na prática, como presença do Espírito, na forma como se organizou ao longo dos séculos acabou por restringir esta presença, concedendo ao Espírito o papel de autenticador e santificador para dar autoridade à ação da própria Igreja.<sup>132</sup> Nesta relação entre Espírito e Igreja, o papel do Espírito toma e se reveste de um caráter meramente funcionalista, desconsiderando a profundidade desta relação revelada pelo NT e pela Tradição Patrística. Por isso, Comblin esforça-se para conduzir a reflexão, desvelando aspectos iluminadores sobre o papel do Espírito na Igreja, cuja ligação, muito mais íntima, não se dá apenas no nível da funcionalidade. Neste esforço, Comblin investiga tal relação *Pneuma-Ekklesia* a partir dos textos sagrados do NT, onde encontra elementos importantes a revelar que, mais que um autenticador, o Espírito é a força que conduz a Igreja à verdade (Jo 16, 7; 13).<sup>133</sup>

Esta ligação íntima e concreta do Espírito com a Comunidade transparece nas Epístolas paulinas. Mas é em Lucas, segundo Comblin, que se encontra a evidência desta relação, pois a teologia lucana apresenta o Espírito vindo primeiro, e ao suscitar os Apóstolos, suscita através deles as comunidades. Em

<sup>129</sup> SANTOS, José Arnaldo Juliano dos. *O Espírito Santo: sua ação no mundo*, p. 65.

<sup>130</sup> COMBLIN, José. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 71.

<sup>131</sup> Cf. SANTOS, José Arnaldo Juliano dos. *Op. cit.*, p. 65.

<sup>132</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 105.

<sup>133</sup> Cf. *Ibidem*, p. 106.

cada comunidade está a Igreja e o mesmo Povo de Deus está em cada comunidade e no movimento missionário que as reúne numa mesma unidade dinâmica.<sup>134</sup>

Já amparando-se nos Padres da Igreja, Comblin continua descobrindo essa mesma íntima relação entre o Espírito e a Igreja, embora saliente que, não sendo uma doutrina elaborada sobre o tema, revela, como afirmou Santo Irineu, que “onde está a Igreja, aí está também o Espírito de Deus. E o Espírito é a verdade.”<sup>135</sup>

Em síntese, o Espírito é concebido como um dom feito à Igreja e como aquele que habita nela. Esta concepção subsistiu até o século IV, quando o Espírito passou a ser compreendido de um modo menos concreto e mais pessoal.

Desde então, foram, segundo nosso autor belga, muitos séculos em que a Igreja na sua *praxis* e em sua teologia, principalmente no Ocidente, relegou a ação do *Pneuma Divino* ao escondimento. Sobre este tema e suas implicações, sugerimos uma consulta à obra de Víctor Codina,<sup>136</sup> cabendo-nos, neste momento, tão somente, acenar para este longo período eclesial com uma pneumatologia incipiente.

Uma grande mudança foi detectada pelo teólogo belga, radicado na América Latina, na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, passando de uma postura fechada em si mesma, preocupada com sua manutenção e expansão, para uma consciência aberta e dinâmica de que está no mundo para agir como missionária da libertação integral dos seres humanos.<sup>137</sup>

A novidade destacada por Comblin consiste no nascimento da Igreja a partir de baixo para cima, ou seja, ele considera que é das pequenas comunidades que a Igreja nasce, não o contrário, e é por essa razão que a Igreja é espiritual, diferindo-se das sociedades humanas nascidas pela vontade de um poder. A Igreja, segundo nosso autor, nasce a partir da comunhão que une as pessoas e as comunidades, construção perseverante do trabalho humano, mas antes, fruto da ação do Espírito

<sup>134</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 107. Para um estudo aprofundado ver: BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos – Para uma teologia do Espírito*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

<sup>135</sup> Ad. Haer. III, 24, 1.

<sup>136</sup> Cf. CODINA, Víctor. *Creo em el Espíritu Santo – pneumatologia narrativa*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1994.

<sup>137</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Tempo da ação- Ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 14.

Santo, donde a conclusão fácil pode nos levar a afirmar que a Igreja nasce simultaneamente de Cristo e do Povo pelo Espírito.<sup>138</sup>

Para Comblin, é um sinal providencial da presença e manifestação do Espírito: “indo ao encontro da ação, a Igreja redescobre sua origem e seu lugar normal: procede de Deus e é chamada a participar da ação de seu Deus como instrumento disponível e fiel.”<sup>139</sup>

A Igreja, que não existe a não ser no Espírito e sob a movimentação do Espírito,<sup>140</sup> é e deve ser a Igreja cuja missão se confunde com a missão do Espírito. E se os pobres, conforme Comblin e os “teólogos da libertação”, são privilegiados pela ação do Espírito, também para a Igreja devem ser a marca de sua identidade.

#### 2.4.2. Igreja e missão a partir dos pobres

“A opção a favor dos pobres e oprimidos não é, para a Igreja, uma opção preferencial ou acidental, mas essencial e constitutiva. Dizer a Igreja dos Pobres é quase uma redundância, pois a Igreja é dos pobres ou não é Igreja.”<sup>141</sup> Neste sentido,

o olhar panorâmico sobre a teologia produzida na América Latina a partir do Concílio Vaticano II depara-se com a riqueza e a originalidade de como as Igrejas daquele Continente, considerado política e economicamente subdesenvolvido, tornaram-se conhecidas nos outros Continentes por sua vitalidade profética, diaconal e comunitária.<sup>142</sup>

Também é de conhecimento comum a afirmação do Professor Paulo Fernando<sup>143</sup> de “que desde os anos 60 a chamada ‘opção pelos pobres’ constituiu-se em um dos pontos centrais da Igreja Latino-americana, e por conseguinte da TdL. Para ele, a Igreja desde seus primórdios teve uma particular atenção aos

<sup>138</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 115-117.

<sup>139</sup> Id. *O Tempo da ação*, p. 15.

<sup>140</sup> Cf. Idem.

<sup>141</sup> RICHARD, Pablo. *A Igreja latino-americana*, p. 67.

<sup>142</sup> MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 70.

<sup>143</sup> Cf. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, in: artigo interno da PUC-Rio, 2009, p. 2.

pobres como evidenciam os Padres da Igreja.<sup>144</sup> De modo semelhante, continua Paulo Fernando, na Idade Média vislumbrou-se uma densa experiência de proximidade e efetivo cuidado com os pobres em grande parte da Igreja.<sup>145</sup> Já em épocas mais recentes, o cuidado caritativo dos pobres por parte de diversas instituições ligadas à Igreja como hospitais, asilos, escolas são também uma tradução desta especial relação que os cristãos devem manter com os pobres. Lembrando o Concílio Vaticano II, e se fundamentando nele, Paulo Fernando afirma que a questão da pobreza motivou um contingente de bispos a assumirem o compromisso com os pobres e um modo de vida simples através do “Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre,” que foi firmado por cerca de 40 Padres Conciliares no ano de 1965.<sup>146</sup>

Esta “opção pelos pobres” feita pela Igreja Latino-americana, continua Paulo Fernando, que foi assumida pelo Episcopado daquele Continente em suas Conferências Gerais, de Medellín a Aparecida, possui dois significados particulares:

O primeiro é o da mudança de lugar social: a identificação com os pobres deve nos levar a ver o mundo com seus olhos, a mudar nossa perspectiva, nossos interesses, nossa compreensão da realidade. O segundo significado, indissociável do primeiro, é o de que esta opção deve nos levar a criar condições para que os pobres sejam o sujeito das necessárias transformações sociais e, também, um sujeito eclesial pleno. Neste sentido, não tanto “ser a voz dos que não têm voz,” mas sim, “dar voz aos pobres” mais do que ser “advogados dos pobres”, colocar-se ao seu lado na caminhada e nas lutas.<sup>147</sup>

No registro da libertação e da Teologia do Espírito Santo germinam o tema da liberdade no interior da Igreja. A eclesiologia de comunhão do Vaticano II “não elaborou suficientemente os dados da diversidade e da liberdade como obra do Espírito para a geração da comunhão, pois é um e o mesmo Espírito que desperta os carismas e cria a liberdade.”<sup>148</sup>

No início da década 70, Segundo Galilea constatou-se que:

<sup>144</sup> Para uma coletânea significativa de textos patrísticos sobre a questão social e econômica veja-se: cf. BRAVO, R. Sierra. *Doctrina Social y Económica de los Padres de la Iglesia*. Compi: Madrid, 1967.

<sup>145</sup> Cf. MOLLAT, Michel. *Les Pauvres au Moyen Age*, Hachette: Paris, 1978.

<sup>146</sup> Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1966, pp. 526-528.

<sup>147</sup> ANDRADE, Paulo F. Carneiro. *A opção pelos pobres e a misericórdia de Deus*, p. 2.

<sup>148</sup> MEDEIROS SILVA, João Justino de. *Pneumatologia e mariologia*, p. 112.

O recobrar da pneumatologia para o interior da eclesiologia há de produzir frutos novos na missão da Igreja na América Latina: a vida religiosa como acontecimento do Espírito há de revitalizar-se; recuperar-se-á o carisma da missionariedade; experimentar-se-á a profecia como dom do Espírito e se reconhecerão os profetas contemporâneos; há de recuperar o carisma de santidade com a proclamação de santos hodiernos; enfim, uma pneumatologia assegura a ação do Espírito no todo de um planejamento pastoral pensado e articulado e não como uma agregação posterior como para dar alma a um projeto eminentemente humano.<sup>149</sup>

Comblin trabalha, em “O Tempo da ação”, a receptividade que os pobres, reunidos pelo Espírito em comunidades, têm no acolhimento do Evangelho que os faz Igreja, e dentro desta dimensão de ser Igreja, sua vocação para a missão. Para nosso autor a dinâmica da evangelização é sempre esta: os pobres evangelizam, e são evangelizados, porque são Igreja,<sup>150</sup> e sua missão é estar a serviço da vida plena, e por conseguinte, da libertação integral do ser humano.

Esta postura de serviço em função da libertação integral do ser humano é a preocupação do Episcopado Latino-americano e Caribenho, reunido em sua V Conferência Geral:

como discípulos devemos nos colocar a serviço da vida integral como o fez Jesus ao curar os enfermos, reintegrar excluídos na sociedade, saciar os famintos, perdoar os pecadores, conviver com todas as classes de pessoas, sensibilizar-se pelos mais pobres (Dap 335). Essa vida integral deverá ser vivida pelo próprio discípulo em todas as duas dimensões: pessoal, familiar, social e cultural.<sup>151</sup>

Portanto, Igreja e Missão a partir dos pobres é uma experiência de vida no Espírito marcadamente acentuada na Igreja que está no Continente da esperança, a nossa América Latina, onde as CEBs são a sua maior expressão.

### 2.4.3. A ação pneumático-missionária das CEBs

A ação do *Pneuma Divino* tem suscitado nas CEBs uma nova concepção de família, inspirada no Evangelho. Para Tereza Cavalcanti, isso se deve e se justifica pela atitude de Jesus, “que fez uma crítica à família que ‘fica de fora’ (Mc 3,31-

<sup>149</sup> GALILEA, Segundo. *Lo carismático em la pastoral latinoamericana*, MensIb 107-108, 1974, pp. 17-19.

<sup>150</sup> Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, pp. 28-346.

<sup>151</sup> MIRANDA, Mario de França. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 156.

35), que não participa e nem se compromete com o Evangelho (Jo 7,3-5). A família que Jesus propõe é aquela que entra na rede da solidariedade que o Evangelho inaugura (Mt 3, 33-35; 10, 28-31).<sup>152</sup> Nessas novas famílias, as relações não são mais de sangue apenas, mas de fé e esperança, cultivadas na comunhão e sustentadas pelo Espírito, como afirma a Professora Tereza Cavalcanti, e aí se dá a manifestação do Espírito missionário que desperta os seus para realizar sua missão. Portanto,

se a experiência do Espírito é fato da comunidade, na comunidade e em função da comunidade, ela é missionária. O Espírito Santo é aquele que projeta para fora, abre a comunidade para fora, vai ao encontro do outro ainda não relacionado. A experiência do Espírito dá-se no movimento para o outro. Ela é missionária em si mesma. O seu caráter missionário será o critério de sua autenticidade.<sup>153</sup>

Para o Episcopado Latino-americano as CEBs têm sido escolas que têm ajudado a “formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros,”<sup>154</sup> abraçando a experiência das primeiras comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos (At 2, 42-47).

*Medellín* descreveu as CEBs como “comunidade local ou ambiental, o lugar da vivência da comunhão a que foi chamado o cristão” (DM 10).

*Puebla*, chamando-as de pequenas comunidades, reconhece que as CEBs “criam maior interrelacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho.” As CEBs constituem “ambiente propício para o serviço de novos leigos, onde se difunde melhor a catequese familiar de forma simples, na simplicidade do povo” (DP 629).

Santo Domingo confirma as CEBs como “célula viva da paróquia, entendida como comunhão orgânica e missionária” (DSD 61). As CEBs, configuradas por poucas famílias, “são chamadas a viver como comunidade de fé, de culto e de amor, e devem se caracterizar por uma decidida projeção universalista e missionária, que lhes infunda um renovado dinamismo apostólico” (DSD 61).

<sup>152</sup> CAVALCANTI, Tereza. *A identidade das Cebes e o Novo Testamento*, p. 8.

<sup>153</sup> COMBLIN, José. *A experiência espiritual: o seu conteúdo – o seu alcance*. In: *Sob o Fogo do Espírito*, São Paulo: Soter & Paulus, 1998, pp. 139-148

<sup>154</sup> Cf. Aparecida, 178.

O Documento de Aparecida, retomando as últimas Conferências do CELAM, ao afirmar que “as CEBs, no seguimento missionário de Jesus, têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus pastores como guia que assegura a comunhão eclesial,”<sup>155</sup> compreende que estas Comunidades “demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres.”<sup>156</sup>

A prática das pequenas comunidades vai traduzindo uma nova visibilidade eclesial. É a Igreja reencontrando-se na base do Povo de Deus, atenta ao dinamismo presente nesta base e assimilando características que a fazem mais simples, evangélica, participativa e popular.<sup>157</sup>

A ação pneumática suscita nas CEBs novos ministérios, envolvendo serviços variados *ad intra* e *ad extra* nas mesmas. Estes ministérios foram classificados por Faustino Teixeira em quatro eixos que manifestam a ação pneumático-missionária das pequenas comunidades cristãs: anúncio evangélico, celebração, ação no mundo e coordenação.

No eixo do anúncio evangélico situam-se os serviços relacionados com a prática evangélica ligada à Palavra de Deus. São os evangelizadores populares; os que cuidam da preparação dos sacramentos de iniciação; os responsáveis pela catequese, pelos grupos de reflexão bíblica. No eixo da celebração emergem os serviços de presidência da Palavra com as respectivas reflexões; os responsáveis pelo ato litúrgico, pelo canto e os ministros leigos do Batismo e do Matrimônio; os animadores de rezas e novenas; os responsáveis pelo acolhimento; os leitores da Palavra; sacristãos e ministros da comunhão. No eixo da ação do mundo aparecem os serviços prestados em favor da construção de uma nova realidade, que possa ser sinal do Reino de Deus: são os que cuidam da alfabetização; os que organizam mutirões e outras atividades de ajuda mútua; os que se encarregam do cuidado com os mais pobres, idosos e doentes; as comissões de luta em defesa dos direitos humanos, da melhoria dos bairros, as comissões de justiça e paz, com as pastorais específicas; aqueles que organizam a subsistência dos desempregados e dos que passam dificuldades. No eixo da coordenação situam-se os serviços em função da unidade e da dinamização comunitária: os que cuidam da convivência, animação e articulação das comunidades; os responsáveis pela partilha das tarefas e da avaliação.<sup>158</sup>

<sup>155</sup> Aparecida, 179.

<sup>156</sup> Idem.

<sup>157</sup> Cf. BOFF, Clodovis. *Crônica teológica do V Encontro Intereclesial de Comunidades de base*, in: SEDOC, 1983, p. 478.

<sup>158</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base – Bases teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1988, pp.134-135.

Na linha desses eixos ministeriais, discernidos pelo Professor Faustino, as CEBs, num duplo movimento, para dentro e para fora, agem missionariamente para sinalizar o Reino de Deus através de seu novo modo de ser Igreja. Este movimento para dentro e para fora se caracteriza, sobretudo, quando as comunidades se “mobilizam na solidariedade com os mais sofridos, os enfermos, órfãos, desempregados, sem teto, dependentes químicos, etc.” Nestas comunidades, “as mulheres são as primeiras a visitar as famílias necessitadas e a tomar iniciativas semelhantes à de Tabita, discípula que produzia túnicas e mantos para os pobres e que Pedro ressuscitou em Jope (At 9, 36-42).”<sup>159</sup>

No parecer de Tereza Cavalcanti, no Brasil, as CEBs têm como missão a construção do Reino de Deus onde estão situadas e para além de suas fronteiras, pois “são conhecidas pela sua sensibilidade para com os problemas sociais: injustiça, exploração, discriminação, exclusão.”<sup>160</sup> Tereza ainda afirma com categoria que “graças a essa sensibilidade, os membros das CEBs estão continuamente participando de protestos, abaixo-assinados, passeatas, romarias da terra e das águas e ‘Grito dos excluídos’. As campanhas promovidas pelo episcopado são sempre levadas às bases pelas CEBs, pois essa atuação é concebida como uma missão decorrente do batismo.”<sup>161</sup>

Estas comunidades cristãs empobrecidas funcionam hoje, no alvorecer do novo milênio, como “células vivas que correspondem a uma família, em contraposição a uma sociedade individualista e egoísta, ao mesmo tempo que vão contribuindo para resistir à dissolução do tecido social provocada pelo sistema excludente”(Ap 13, 1-7. 16.17).<sup>162</sup>

## 2.5. Conclusão parcial

Lendo e estudando a teologia combliniana, marcada profundamente por acentos pneumatológicos, e contextualizada no conjunto do pensamento da fé do

<sup>159</sup> CAVALCANTI, Tereza. *A identidade das Ceb's e o Novo Testamento*, p. 8.

<sup>160</sup> Idem.

<sup>161</sup> Idem.

<sup>162</sup> Cf. Idem.

povo cristão latino-americano, podemos concluir que o ser humano é um ser espiritual, cuja experiência de vida é experiência de Deus.

Para chegarmos a esta conclusão foi-nos necessário partir do princípio de que este ser humano, criado à imagem de Deus na força do seu Espírito, carrega em sua existência a disponibilidade-abertura para acolher o sopro do Espírito, presente em toda a eternidade e manifestado em nossa história, carregando-a de salvação em sua manifestação na criação, na aliança, nos profetas, na encarnação do Verbo, na vida pública e ministerial de Jesus, o Cristo de Deus.

Esse Espírito que entra em nossa história humana a assume por dentro, e, com sua paciente pedagogia, desperta em suas imperfeições o desejo do novo e da nova criação, direcionando o ser humano redimido no amor do Cristo, numa cristificação capaz de atingir toda a humanidade.

Ao abordar o Espírito Santo de Deus, o teólogo belga radicado na América Latina prefere defini-lo e compreendê-lo a partir de sua ação e missão no mundo, na história, na Igreja e nas pessoas concretas. Sua teologia do Espírito apareceu sempre em conexão com a teologia da história, onde o Espírito que sopra onde, quando e em quem quer, desperta o ser humano para sua libertação integral.

Conforme pudemos constatar, Comblin afirma que a ação do Espírito, que tem como missão gerar vida, produz nas comunidades cristãs latino-americanas frutos visíveis desta ação, pela qual podemos nomeá-Lo. Esta ação do Espírito é também chamada de experiência de conversão, onde a compreensão se dá na linha de relações entre o Espírito e a liberdade, entre o Espírito e a tomada da Palavra, entre o Espírito e a Comunidade.

A manifestação do Espírito de amor, de vida e de comunhão, reúne em comunidades os pobres cristãos que vivem uma escandalosa e opressiva realidade de pobreza. Nasceram da vontade e da força do Espírito as CEBs, que são, segundo os teólogos da libertação, o novo jeito de ser Igreja, ou seja, uma Igreja mais doméstica e comunitária, mais simples, organizada na base do Povo, que sabe ler sua realidade, pela força do Espírito, a partir de suas experiências concretas que iluminam numa nova hermenêutica a leitura e o acolhimento da vontade de Deus na comunicação de Sua Palavra.

Por fim, a partir do que dissertamos, focalizando a teologia pneumática de José Comblin, tendo como base sua obra “O Espírito Santo e a libertação”,

podemos concluir que na Igreja presente no Continente Latino-americano o Espírito suscitou, no bojo da elaboração do Concílio Vaticano II, e sobretudo na primeira fase de sua recepção, uma nova experiência de vida espiritual, que chamamos aqui de libertadora, em função da vida.